

AO

MARQUEZ DE POMBAL



HOMENAGEM DO GRÉMIO MODERNO

OPUSCULO

AVEIRO

1882

MARQUEZ DE POMBAL

HOMENAGEM DO GREMIO MODERNO

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Francisco Augusto da Fonseca Regalla, Carlos Faria, José Maria Barbosa de Magalhães.

COLLABORADORES

D. Branca de Carvalho; A. D. Pinheiro e Silva; A. F. d'Araujo e Silva; Agostinho Melicio; Albano Coutinho;

Alexandre da Conceição; Antonio Augusto d'Araujo e Mello; Bento F. S. Guimarães;

Fernando de Vilhena; F. Homem Christo; Francisco de Magalhães;

J. A. Marques Gomes; Jayme de Magalhães Lima;

J. C. de Miranda; J. E. d'Almeida Vilhena;

João Nepomuceno Rebello Valente;

Joaquim da C. Cascaes;

Joaquim de Mello e Freitas; J. S. Franeo; Lourenço d'Almeida Medeiros;

Manuel de Mello e Freitas;

Roberto Alves; R. Vieira; Vicente de Moura.

AVEIRO 8 DE MAIO DE 1882

O MARQUEZ DE POMBAL

O periodo dos tempos aureos de Portugal fecha-se em 1578 com a catastrophe de Alcacer-Quivir; e como os males sociaes, á semelhança das molestias do corpo, não raro são origem de outros males, dois annos depois d'aquelle desastre, Portugal era avassalado pelas armas de Castella.

O patriotismo dos portuguezes, comprimido debaixo do sapato castelhano durante 60 annos, fez em fim explosão no de 1640: mas Portugal, resurgindo do seu longo captivo, durante o qual fôra tractado como paiz de conquista, ficou exaustão e como um campo devastado por inimigos.

O reinado de D. João IV foi bastante agitado e trabalhado de guerras, que este monarcha teve de sustentar para defender a corôa, que lhe pozeram na cabeça, contra a sanha do leão de Castella, que lh'a disputava ainda. O de seu filho, o infeliz D. Afonso VI, foi curto e esteril. O de D. Pedro II e o de D. João V, que se seguiram, com quanto este ultimo se assignalasse por algumas obras grandiosas, não foram notaveis por medidas de alcance economico, de fomento e bom governo. Os estadistas de então gastavam uma boa parte da sua actividade com os enredos da côrte e arranjos de familia.

Com os recursos e preciosidades que lhe vinham das colonias, especialmente da America, Portugal vivia como os morgados que tinham por desprezo trabalhar, e se limitavam a disfructar, e ás vezes a dissipar, as suas rendas.

A agricultura estava em tão notavel decadencia, que, segundo refere o auctor da Memoria para a historia da agricultura de Portugal, que vem no tomo 2.º das litteraturas portugueza, não se lavrava pão n'este paiz, que chegasse para sustentar trezentas mil pessoas, tendo elle então dois milhões de habitantes; o commercio devia orçar pela mesma craveira, e outras industrias quasi que as não havia n'esse tempo.

Foi n'estas circumstancias, e sendo passado pouco mais de um seculo depois da restauração de 1640, que aprouve á providencia deparar a Portugal o seu grande ministro.

El-rei D. José, subindo ao throno em 1750, teve a feliz inspiração de chamar aos seus conselhos um d'esses homens que appare em raro no desdobrar dos seculos, e, quando appare em, vem destinados a fazer época na vida das nações e a desempenhar uma missão providencial no adiantamento da civilização e do progresso.

Este homem foi Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º Conde d'Oeiras e 1.º Marquez de Pombal, que, como estadista, foi o maior vulto que tem apparecido em Portugal. E ainda assim, para aviso de quem tem a seu cargo escolher ministros da corôa, cumpre no ar que não consta que Pombal fosse grande orador, nem grande poe a, nem grande general, nem distincto nas sciencias especulativas; mas talento para governar, como ministro d'es. ado de um rei absoluto, nenhum o teve igual n'és e paiz, nem an es nem depois d'êle; seja dito sem offensa e com perdão de todos quantos tem estado ao leme da nau do estado n'és e nosso Portugal.

Allumiado pela luz de um grande genio, doado de tão vasta comprehensão para conhecer as necessidades publicas e os meios de remedial-as, como de firmeza de von ade para executar, o grande ministro d'el-rei D. José houve-se de modo que, volvidos poucos annos, a dignidade de Portugal era a a da no exterior, e no interior esavam lançadas as bases do engrandecimento e prosperidade nacional.

Em vez de creações de mero luxo, de europeis e deslumbramentos faustuosos, elle creou instituições uteis, reformou as que achou, fomentou a agricultura, o commercio, a industria fabril, a instrucção publica, melhorou o exercito e a marinha, a legislação civil, e por meio de providencias e reformas que, apezar das transformações por que tem passado as instituições sociaes, ainda hoje attestam os alios does do seu espirito superior, lançou os fundamentos de uma administração illustrada,

vigorosa, e o mais é que no sentido mais liberal que a sua época comportava. E era tal a sua previsão, tão seguro o seu golpe de vista, que nenhuma das reformas por elle emprendidas deixou de lhe produzir o desejado effeito.

Compendiar as providencias do Marquez de Pombal em todos os ramos da publica administração, era obra de grande tomo, que aqui não pôde ter cabimento.

Sobre tudo, porém, o que mostra melhor a tenacidade do seu caracter e o quanto foi superior aos prejuizos do seu tempo, é a campanha que abriu contra os homens da celebre companhia chamada de Jesus, terminando essa campanha pelo total aniquilamento da companhia, não por um acto despojado do poder real, mas em virtude de proesso e de isenção pontificia.

A vasta rede da influencia da companhia de Jesus assoberbava Portugal ha dois seculos, fazendo sentir seus perniciosos effeitos na politica e governo do estado, e dando por vezes logar a escandalos.

Pombal de'terminou cortar o mal pela raiz.

Principiou por impetrar e obter do Papa Benedicto XIV a reforma da ordem dos jesuitas: mas demonstrando a experiencia que a reforma não fôra bastant'e para reduzir aquelles regulares á observancia do seu instituto e apparelhos dos negocios temporaes, em que se envolviam, com a sêde do predomínio e de riquezas, que foi sempre peculiar áquella ordem, promulgou a lei de 3 de setembro de 1759, em que os declarou rebeldes, traidores, adversarios e aggressores contra a pessoa do rei e contra a paz publica e bem commum do reino e seus dominios, e em consequencia banidos e proscriptos; mandando que fossem expulsos de Portugal e seus dominios, e impondo pena de morte e de confiscação de bens a toda a pessoa que lhes desse entrada ou com elles tivesse correspondencia.

As casas e collegios dos mesmos jesuitas applicou-as a usos de utilidade publica ou religiosos. Mas não parou aqui o grande Marquez de Pombal.

Fez colligir as provas e documentos, em que assentava as accusações contra aquelles regulares, e continuou em Roma as diligencias perante a curia para a total extincção da Ordem ou Companhia de Jesus: e movendo ao seu partido outros gabinetes da Europa, conseguiu enfim do Papa Clemente XIV a bulla da extincção da Companhia de Jesus, dada em Roma aos 21 dias do mez de julho de 1773.

A razão d'estes triunfos e da ousadia com que Pombal arrostava com o grande poder e influencia que então tinham os ecclesiasticos, e com a propria côrte de Roma, chegando a prohibir que tivessem curso n'este reino e seus dominios a bulla *in coena domini*, os indices expurgatorios, a bulla *animarum saluti*, e outras letras apostolicas, provinha-lhe não só das justas apreciações e solidas razões, com que costumava fundamentar as suas medidas, e que revelavam uma convicção sincera e uma resolução inabalavel, mas tambem da circumstancia de que não era um inimigo da religião e da Igreja, que fallava ou decretava. Por que, é preciso dizel-o, em todos os documentos do reinado de el-rei D. José e actos publicos do seu governo, que mais ou menos dizem respeito á Igreja ou seus ministros, revela-se sempre uma solida piedade, uma crença sincera, e profunda veneração pela verdadeira religião; mas religião sem fanatismo, sem mescla de imposturas e exaggerações, que Jezus Christo reprehendia aos fariseus. Por isso, ao passo que exterminava os Jesuitas, creava e dotava fundações pias e de caridade, e erigia bispados onde os não havia e lhe pareciam necessarios.

Aveiro tambem lhe deve o seu titulo e cathogoria de cidade, assim como o seu bispado.

N'este districto, tambem a villa d'Arouca lhe deve um grande beneficio; que foi o livral-a da jurisdicção da Abbadessa do mosteiro da mesma villa, como consta do alvará de 26 d'agosto de 1776. Deram occasião a este alvará os crimes que impunemente se commettiam na villa e termo d'Arouca, que era couto do mosteiro, em que a Abbadessa, como donataria, tinha a jurisdicção civil e criminal, que e a exercida por juizes ordinarios leigos, com isenção da jurisdicção do corregedor da respectiva comarca de Lamego.

As providencias não se fizeram esperar, e foram radicaes, como todas as do grande ministro de el-rei D. José: o couto foi devassado, ficando sujeito á jurisdicção do corregedor de Lamego; a jurisdicção civil e criminal foi arrancada das mãos da Abbadessa, cassadas e revogadas as doações que lh'a concediam; e os juizes ordinarios e leigos substituidos por juizes de fóra. A justiça foi assim desaffrontada, e os coutados arouquenses ficaram livres da jurisdicção da sua santa senhora, a qual, ainda que verdadeiramente o fosse, tinha de exercer aquella por intermedio de gente inhabil e sem sciencia nem independencia.

Pombal cortou abusos onde os viu, resistindo com denodo ás invasões dos ecclesiasticos no poder soberano.

Sobre este assumpto são tambem notaveis o alvará e o decreto de 10 de março de 1764, pelos quaes reprimiu com energia e declarou simuladas, irritas, capciosas e nullas as inhibitorias ou excommunhões lançadas por um conego da Sé da Guarda ao corregedor da comarca de Pinhel, a proposito d'este intervir na execução de uma sentença alcançada por Pedro Manso Rangel, em causa possessoria contra o Abbade de Santa Maria de Trancoso; e o alvará de 18 de janeiro de 1765, em que reprimiu com equal energia outras inhibitorias e censuras lançadas por um juiz dos orphãos, seu escrivão, advogados e mais pessoas que intervinham na execução de uma sentença alcançada em causa de divida.

São diplomas estes muito dignos de serem lidos; porque, se o estilo é o homem, retracta-se aqui o grande ministro de el-rei D. José.

Na legislação civil plantou Sebastião José de Carvalho e Mello marcos milliaricos que jámais se apagarão.

Com a lei de 18 d'agosto de 1769, chamada vulgarmente a *lei da boa razão*, desterrou da jurisprudencia patria o poder das glosas e o empirismo das leis romanas, estabelecendo que estas se observassem como subsidiarias, sómente quando fossem conformes com a boa razão; mandando tambem recorrer á *boa razão* que o geral consenso tem estabelecido no direito das gentes, e á que era estabelecida nas leis politicas, economicas, mercantis e maritimas das nações civilizadas; prefaciando assim o luminoso principio que, um seculo mais tarde, se havia de estabelecer no artigo 46 do nosso Codice Civil, que manda recorrer ao direito natural nos casos omissos nas leis: porquanto a *boa razão*, que a lei de 18 d'agosto de 1769 mandava seguir, era, segundo as suas proprias expressões, « a que consiste nos primitivos principios, que contem « verdades essenciaes, intrinsecas e inalteraveis, que « a ethica dos mesmos romanos havia estabelecido, « e que os direitos divino e natural formalisaram para « servirem de regras moraes e civis entre o christia- « nismo.

Pombal legislou sobre fallencias; sobre hypothecas; sobre vinculos, regularisando as instituições d'el-

les, sujeitando-as a licença regia, e abolindo os morgados insignificantes e todos aquelles cujas instituições não contivessem vinculação expressa e clara; no que favorecem a allodialidade da terra.

Com este mesmo fim de favorecer a liberdade da terra, deu acertadas providencias na lei de 9 de setembro de 1769, na de 9 de julho de 1773, e moderou e reduziu os censos no Algarve. Legislou sobre muitos outros assumptos; e as leis por elle referendadas são padrões de sabedoria.

Essas leis, pela maior parte, contém a exposição dos seus motivos, feita com tanta clareza e tão justa apreciação dos factos e circumstancias, que algumas d'ellas se tornam sobremodo notaveis.

Quem escreve estas linhas foi principalmente impressionado, durante a adolecencia, por alguns §§ da lei de 9 de setembro de 1769, em que se prohibiu instituir a alma por herdeira, e gravar os bens immoveis com capellas ou encargos pios perpetuos de missas, como até ahi era frequente.

E' tão luminosa essa lei, revela tanta coragem em romper com os prejuizos do tempo em que foi promulgada, que bastaria ella para fazer a apothese do grande ministro, cujo centenario a nação celebra.

Foram grandes os serviços feitos por este homem ao seu paiz durante os 27 annos do seu governo. Elle levantou o nivel moral e o espirito publico da nação por meio da instrução e educação publica; — levantou a dignidade nacional aos olhos de naturaes e estranhos; — desenvolveu os recursos da nação e melhorou as suas condições economicas, fomentando a agricultura, o commercio e a industria; — respeitou e fez respeitar a dignidade humana, acabando com a vergonha da escravatura em Portugal e possessões ao norte do equador, e restituindo á liberdade e ao estado civil os indigenas das possessões do sul; — introduziu as mais sabias reformas na legislação civil e em todos os ramos da publica administração no sentido mais liberal e illuminado que o seu tempo e as particulares circumstancias da nação permittiam.

Mas as qualidades de tão grande homem, elevando-o muito acima da craveira commum, não lhe permittindo contemporisar com abusos e escandalos, nem deixar de ser reformador, vigoroso e até severo, deviam grangear-lhe adversarios e detractores.

Teve-os; e é isso natural, visto que « se não atiram pedradas a uma arvore esteril »: mas nada ha mais forte do que a f rça da verdade. A justiça da historia tarda às vezes; mas afinal vem. As vozes dos detractores perderam-se no espaço, e os proprios detractores sumiram-se na penumbra da sua nullidade: a nação portugueza honra a memoria do Marquez de Pombal, celebrando o seu primeiro centenario. E' a recompensa nacional devida á memoria do grande cidadão que illustrou a sua patria.

J. C. DE MIRANDA.

O TERREMOTO

— 1755 —

Oculta força abala os fundamentos
Da cidade gentil, que o Tejo banha;
Desabam torres sob a causa estranha
Da confusão geral dos elementos;

Artisticos palacios, monumentos,
Puindo, esmagam quem fugir não ganha;
O mar, crescendo revoltoso, apanha
Turba, que envia aos ceus preces, lamentos;

A louca multidão debanda errante
Nas ruinas de enorme cataclysmo,
Entre linguas de fogo rutilante;

Mas da voragem d'este fundo abysmo
Surge Pombal altivo: e n'esse instante
Acabou teu poder, jesuitismo!

FRANCISCO REGALLA.

D. João V tinha expirado no meio dos esplendores do seu reinado faustoso, que deixou, entre outras recordações principescas, acrescentadas em numero e em bens terrenos as ordens monasticas, minguidos os redditos publicos e esvasiadas as arcas do erario nacional. Em volta do catafalco, onde scintillavam os europeis que assignalam as humanas vaidades, agrupavam-se os cortezãos de rosto sombrio, conforme as prescripções da pragmatica palaciana, mas tendo no coração o arrefecimento da indiferença, que provém da ausencia dos affectos, que são distinctivo das almas generosas. Além das pompas officiaes, prestadas como derradeira homenagem áquelle que cingiu a corôa real, havia o vacuo feito em redor do féretro, e apenas nos mosteiros dissimulados em todo o paiz se ouvia psalmejar pelo eterno descanso do que tentara reproduzir no extremo occidente as magnificencias e as aventuras galantes do *sol* de Versailles, modelo escolhido n'uma época em que a decadencia dos costumes imprimia character, e cuja pernicioso influencia ameaçava alastrar-se, como epidemia impulsada por correntes invisiveis, por todas as nações da Europa.

Sucedeu-lhe no throno D. José I, que foi menos devoto, que não dispendeu em obras inuteis para a civilização nacional os recursos, com que n'esses tempos famosos vinham opulentarnos os tributos pagos pela America e pela Azia, mas que em compensação teve por valido a Sebastião José de Carvalho e Mello, organização verdadeiramente privilegiada, pois que o seu governo foi cortado de difficuldades, tendo de sustentar luctas homericas já com Roma, cujas armas espirituales sublevavam as consciencias, já com os jesuitas, que procuravam aniquilal-o e que logrou expulsar com os raios do Vaticano. Com a Inglaterra arcou elle braço a braço, e deve-se á sua rara energia o accordo que fez obliterar aggravos, que a muitos pareceram de funestas consequencias.

O Marquez de Pombal quiz ser o Richelieu de Portugal, e na verdade excedeu na vastidão, no alcance e na profiquidade dos planos o voluntarioso

ministro de Luiz XIII. Reorganizou a fazenda desbaratada pelas prodigalidades de D. João V, e quando o feiu o desfavor da realza, deixou repletos os cofres publicos. E todavia Lisboa tinha resurgido de um montão de ruínas, e todas as provincias e todas as nossas possessões d'alem-mar attestavam a excellencia da administração, que se distinguia pela sua actividade e pelo acerto das suas resoluções.

Os esforços do Marquez de Pombal convergiram politicamente para consolidar a obra do absolutismo, esboçada a largos traços por João das Regras. Como Richelieu, quiz tambem fazer sentir por meio dos cadafalsos toda a extensão da sua omnipotencia. A's execuções de Cinq-Mars, de Chalais e Montmorency, oppoz o suplicio do conde d'Atouguia, dos marquezes de Tavora e do duque d'Aveiro. As mesmas causas deviam produzir eguaes consequencias. Attentara-se tambem contra a realza. Os criminosos de leza-magestade soffreram pois o castigo infamante da tortura, do cutello e da fogueira. As cinzas dos regicidas, varridas para o Tejo, foram levadas ao Oceano de envolta com a vasa da cidade, que assistiu na mais completa malez áquelles espectaculos de barbarie maudita, bem dignos de figurarem nos chronicões da idade media.

A nobreza, ferida pelo braço omnipotente do valido, curvou-se humilhada mas não convicta, reservando a desforra para melhores dias. Aterrava-a então o tribunal da Inconfidencia, mas não se lhe cutibavam os desejos de vingança, antes esta se aguçava no silencio, medrando com as provas de confiança que a realza prodigalisava sem cessar ao seu favorito.

Foi o Marquez de Pombal quem ousou cercar as prerogativas da inquisição, deliberando acabar com o suplicio do fogo, e com a distincção de christãos novos e christãos velhos, que nos reinados de D. Manuel e D. João III tinha atulhado os carceres, e enviado centenas de victimas innocentes ás fogueiras do santo officio. Tirando o pretexto ao assassinio prégado com ardor pelo fanatismo religioso, o ministro de D. José faz esquecer as execuções do dia 13 de dezembro de 1759. O sangue dos Tavoras desaparece á vista do serviço prestado n'aquelle acto á humanidade. A liberdade de consciencia era assim iniciada por um dos mais fieis sectarios do absolutismo.

A ordem de S. Domingos não viu com boa sombra a limitação do seu poderio. Manifestou tambem o seu descontentamento contra o Marquez de Pombal, que, no interior, teve de pelejar ao mesmo tempo contra a aristocracia, contra a inquisição e contra a companhia de Jesus. E elle, o esforçado athleta, aporou com firmeza os golpes que os seus adversarios lhe vibraram, concentrou na auctoridade real todos os elementos da governação,

secularisou o ensino, levantou a burguezia, e acerrou-a do throno, conferindo-lhe honras e distincções. Apoiado na classe media, ponde dominar a situação, e quando o rei baixou ao tumulo achava-se o absolutismo em pleno exercicio.

Se admira no Marquez de Pombal a coragem na investida contra adversarios formidaveis por o seu prestigio, e sobre tudo por a audacia com que luctavam, não surprehende menos o exito brilhante alcançado por elle em todos esses combates que pareciam sobrenaturaes. A extincção e expulsão da companhia de Jesus foi um trabalho titanico. A limitação das attribuições conferidas á inquisição, foi outra obra de vulto. A exauctoração da aristocracia no cadafalso de Belem, foi o golpe de misericordia no feudalismo. Todos estes commettimentos tornaram mais respeitada a realza, pois que, alevantando-a completamente desassemburada d'influencias que a enfraqueciam, logrou ostentar toda a sua pujança no vertice da columna social, desafiando as iras impotentes dos iconoclastas, que tinham tentado despedaçar a sua imagem.

O Marquez de Pombal foi pois o continuador da politica do dr. de Pisa. Teve porém a infelicidade do espirito de D. José não ser temperado pelo valor e pela acção energica de D. João I. Se possuísse o caracter do mestre d'Aviz, Portugal teria criado para si uma posição estavel no meio da Europa flagelada pela guerra.

E' talvez cedo ainda para escrever sobre o caracter e sobre os serviços do Marquez de Pombal. A luz da historia ainda não illuminou bastante a sua phisionomia politica. Ha ainda quem conteste a elevação dos seus intuitos e a proficuidade dos seus esforços a bem da causa publica. Ha quem lhe aponte os erros da sua administração, deixando no escuro o muito que lidou em prol do paiz, delineando e promovendo as reformas que são a gloria do seu memoravel consulado. Um seculo não bastou para apagar o ecco dos resentimentos que tiveram a sua origem principalmente, como já dissemos, nas luctas de exterminio contra o jesuitismo e contra a aristocracia. Os interesses prejudicados tentam reagir. A verdade historica ainda não esclareceu todos os espiritos.

Em Lisboa um escriptor legitimista lembrou-se de oppor ás festas do centenario do grande estadista um protesto do partido catholico. Porque? Ignoramol-o. O que tem a religião com os actos da administração do valido de D. José I? Não foi elle um dos mais fieis e dedicados defensores do throno e do altar? Em que affrontou pois o culto divino, ou atacou a igreja de Jesus Christo?

Fez-se porém uma luzida reunião, e o promotor d'aquelle conclave, em vez de regosijar-se

ao ver que a geração actual consagrava á memoria de tão distincto homem de estado o testemunho da muita consideração em que tem as suas obras e merecimentos, preferiu contrariar os festejos do centenario, como se o Marquez de Pombal não fosse digno do monumento que vão levantar-lhe na praça publica, como remuneração posthuma dos seus relevantissimos serviços!

Este procedimento fica tendo uma triste celebridade, porque não é de balde que o homem se oppõe ás correntes da opinião, quando a opinião é justa e sensata. Que os jesuitas combatessem a ideia, que se insurgissem contra as manifestações patrioticas com que hoje se paga uma divida nacional, não seria isso de estranhar n'aquelles que, contrariando as palavras e o pensamento de Christo, proclamaram, como refere um escriptor contemporaneo, que a verdadeira doutrina é

«Dar a Deus o que é de Cezar, a Cezar o que é de Deus, e aos padres da companhia—o que é de Deus e de Cezar.»

Não ganha a religião ao envolverem-na em taes certamens, que provocam grandissimas resistencias. O que lucrou ella nos tempos nefastos da inquisição? Por ventura não foram as perseguições de Roma pagã um estímulo para o rapido desenvolvimento do christianismo? Quantos individuos, professando as leis de Moysés, se converteram nos carcereiros do santo officio, ou em presença das fogueiras aticadas pela cubica ou pelo fanatismo? Deixemos pois a companhia de Jesus amortalhada na excommunhão com que a malsinaram os reis e os povos, e não sejamos mais orthodoxos do que o Vaticano que a fulminou. Celebremos por tanto as glorias do nosso paiz, deixando fallar só em nós o patriotismo.

O systema dominador do Marquez de Pombal, assim como esmagou as instituições que procuravam assobrarbar o throno e avassallar a ração, apagou tambem os derradeiros vestigios do feudalismo representados na aristocracia altaneira, cujos privilegios exagerados pelo preconceito religioso dos ultimos reinados, chegaram á temeridade do regicidio. Mas para contrapor aos excessos, por ventura lamentaveis, da politica absorvente de Sebastião José de Carvalho e Mello, temos as importantes reformas, que deixaram o seu nome vinculado a muitos remodelamentos proveitosos, a copiosos trabalhos de reconhecida utilidade publica, os quaes fazem a verdadeira apologia da sua fecunda e energica iniciativa.

Ao Marquez de Pombal, o campeador mais convicto do despotismo coroado, seguiram-se as alvoradas dos primeiros dias da liberdade. A demasiada tensão que deu á politica unitaria, que era o dogma da sua escola, tornou urgente a necessidade de descentralisar a acção do governo, chamando directamente os povos a regerem os

seus destinos. Os animos achavam-se preparados para a evolução que se aproximava rapidamente. O seculo de Voltaire espalhava a philosophia por o congresso dos reis. D'Alembert e Diderot criavam na Encyclopedia uma tribuna, d'onde predi-cavam as doutrinas do moderno evangelho social. Quando Rousseau entregava á publicidade o seu *Contracto*, a França soprava sobre a Europa as ideias consubstanciadas no seu novo decalogo politico.

A faisea produziu a conflagração, que alumiu o globo. Era impossivel atalhar a tempo os progressos que a liberdade ia fazendo em toda a parte. O Marquez de Pombal, o derradeiro sustentaculo do velho mundo, tinba já desaparecido para todo o sempre; mas vivo e poderoso que fosse, nada poderia fazer para salvar a sua obra. Quando, já alquebrado pela idade e ralado de desgostos, respirava os perfumes acres do campo nas terras do seu exilio, chegaram até elle os primeiros clarões do grande incendio, que ameaçava consumir a pesada machina que tivera a velleidade de suppor eterna. Os eccos ainda mal distinctos da ideia nova lograram com tudo penetrar na estancia solitaria, que lhe fôra dada por menagem. O astro que encheria de luz os horisontes da patria, e cujos reflexos chegaram até aos confins da Europa, atravessando o Atlantico, e dobrando o cabo das Tormentas para alumiar a Africa e a Azia, era saudado no seu occaso pelos hymnos da revolução, que alvoroçava os espiritos, marcando um periodo de verdadeira grandeza nos fastos da humanidade.

E, coincidencia singular! e despotismo, que o Marquez de Pombal tentou consolidar, como se o trabalho dos homens não fosse um successo ephemero na vida das nações, mandou arrancar do pedestal da estatua de D. José a medalha commemorativa dos importantes serviços do seu ministro. A liberdade recollocou porém a effigie do valido, reparando a injustiça com que foi tratado o amor que consagrou ao seu paiz!

As paixões que tumultuavam n'aquelles tempos excepcionaes, calaram-se ou arrefeceram sobre o tumulo do grande homem. Se todavia em volta do sarcophago, que guarda as suas cinzas, obcecado e inoffensivo, desponta ainda o resentimento, que é uma profanação, a geração actual, consultando só a consciencia dos seus deveres, celebra o centenario, e dá-lhe fóros de festa nacional. A metropole cobre-se de galas, desfila em continencia o cortejo civico, e ao Marquez de Pombal, exilado pelos ciúmes e pelas invejas do despotismo decadente, presta-lhe hoje a liberdade, a homenagem do respeito, com que um povo culto e agradecido se engrandece ao honrar a memoria dos que bem mereceram da patria.

J. E. D'ALMEIDA VILHENA.

O TERREMOTO

— 1755 —

Com fragôr açoitando a vaga escura
O temporal irado, espumacento,
Cavalga um perfido corcel—o vento—
Que solta gargalhadas de bravura.

Treme a terra, e com horrída figura,
Como Atlante, sacóde o turvo argento;
Nos gonços oscillando o pavimento,
Dançam torres no assomo da loucura.

Vai o fogo alastrando o aureo manto;
As ruínas trucidam fugitivos,
Que sangrentos se abraçam convulsivos!

—O que fazer?—inquire o rei em pranto.
O ministro lhe diz com nobre espanto:
—Sepultar mortos, e cuidar dos vivos. (I)

J. MELLO FREITAS.

AS FINANÇAS SOB O MARQUEZ DE POMBAL

Portugal, depois de ter assombrado o mundo pelas suas descobertas, e de ter baurido largamente nos copiosos mananciaes da Asia e da America, achava-se reduzido, no meiado do seculo XVIII, ás mais deploraveis condições economicas. A magnificencia de D. João V dera um aspecto exterior de grandeza e opulencia ás diversas manifestações do poder, que não estava por modo algum em harmonia com a verdadeira, e intima, situação do reino. Entravam ainda o porto de Lisboa poderosas frotas com carregamentos preciosos, mas a agricultura, o commercio e a industria, esmorecidas e abandonadas, pouco aproveitavam d'essas immensas riquezas. O ouro do Brazil, que não era desbaratado pelas prodigalidades da côrte, passava directamente ás mãos dos inglezes, que eram os unicos e exclusivos fornecedores de todos os objectos do nosso consummo. Ao passo que os operarios eram recrutados, pelas provincias, aos milhares, para irem trabalhar, quasi sem salario, na luxuosa fabrica do convento de Mafra, descuravam-se completamente todos os melhoramentos de que podia resultar ao paiz alguma utilidade, as officinas paralisavam por falta de alimento, e escaßeavam os braços para a lavoura nas immensas campinas desertas.

Dos mil e quinhentos milhões de cruzados que, segundo os calculos mais modestos, tinham vindo em ouro do Brazil, nos ultimos sessenta annos, restavam apenas, no erario, á morte de D. João V, uns quinze milhões. E esses mesmos cabedaes, que a imaginação popular engrossava desmesuradamente, quasi que se

(I) Camões disse do Conde D. Henrique que era oriundo da Hungria, atirando as raizes da genealogia pelas visceras da Allemanha dentro:

•Destes Henrique, dizem que segundo
•Filho de um Rei de Hungria experimentado;

C. 3 est. 23

e a final de contas os *Luziadas* não soffreram com a descoberda. Não é muito, portanto, que eu adopte no ultimo quartel do seculo da liberdade, quando maior deve ser a dos poetas, para fecho d'um soneto, uma frase heroica que alguns dizem apocrypha, mas que a maior parte attribue ao grande estadista. Demais a mais se a não disse, devia dizel-a.

deviam á avareza do frade inepto que governára o reino durante a longa enfermidade de D. João V, aliás teriam seguido, como o resto, para Inglaterra, ou para Roma, em paga de indulgencias e concessões frivolas, algumas das quaes, como a da Patriarchal, nem hoje aproximadamente pode calcular-se o que custaram. Quando D. José I tomou posse do governo, Portugal tinha, ainda assim, uma divida estrangeira de sessenta milhões de cruzados, a maior parte constituida pelos denominados *bilhetes dos armazens*, que por ventura foram os gloriosos avós dos modernos titulos da nossa divida fluctuante.

Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras, e mais tarde Marquez de Pombal, elevado ao cargo de ministro, logo nos primeiros dias do novo reinado, por indicação da rainha viuva D. Marianna d'Austria, e a pretexto de uma formalidade de côrte, era homem para avaliar bem, com o seu olhar investigador e sagaz, a verdadeira situação do reino. Os variados negocios que o tinham occupado durante as suas missões diplomaticas, mórmente como ministro residente em Londres, haviam-o iniciado nos segredos da governação e das finanças do estado. Mas nem elle pode desde logo contar com a confiança do monarcha, a principio muito incerto sobre a sua capacidade e valia, nem a sua posição de secretario d'estado dos negocios estrangeiros, e da guerra, lhe permittia entender nos diversos departamentos da administração publica, e portanto metter mão a fundo na reforma geral do mechanismo administrativo, como era mister, e elle provou depois sobejamente ser capaz de o emprehender.

Os relevantes serviços prestados na reedificação de Lisboa, após o terremoto, é que verdadeiramente conseguiram alfeioar-lhe a subordinar-lhe o espirito, limitado mas bom, do seu real amo, conquistando-lhe o cargo de primeiro ministro, e habilitando-o a dar ás suas resoluções a firmeza e a unidade de acção que lhes eram necessarias. Se até alli o seu genio energico, sobranceiro e absorvente, começára a traduzir-se por algumas medidas isoladas, desde então é que elle pode desassombradamente dar desenvolvimento ao seu vasto plano de reorganização politica e financeira.

I

O Marquez de Pombal foi com certeza, em Portugal, o primeiro homem d'estado que comprehendeu a maxima de Sully: para enriquecer o principe é necessario enriquecer os subditos. Dominado pelas ideias do seu tempo que eram, em finanças como em tudo o mais, muito diversas das que hoje temos, o Marquez de Pombal parece ter assentado o seu plano financeiro em dous principios: primeiro, que ao estado compete regular todas as manifestações da vida economica e social; segundo, que um povo para prosperar precisa ter em si tudo quanto lhe for necessario para o seu consummo. Não examinemos, á luz das nossas actuaes ideias, estes principios, nos quaes todavia se nos figura que ha, e hade haver sempre, alguma coisa de verdadeiro. Aceitemos-os hypotheticamente, e vejamos o que com elles, e por elles, fez o Marquez de Pombal, em proveito do seu paiz.

Emancipar o reino da tutela dos inglezes, que o ominoso tratado de 1703 constituiria nossos fornecedores exclusivos, com a unica clausula de nos comprarem os nossos vinhos, era a primeira necessidade, e a consequencia que logicamente se derivava do systema do Marquez. O espirito publico porém não o auxiliava. Acorrentado ao fanatismo de um clero devasso

e espoliador, espesinhado por uma fidalguia arrogante e ociosa, o povo era victima dos preconceitos, e de um obscurantismo feroz, que o tornava incapaz, não só de qualquer iniciativa fecunda, mas de comprehender até os seus proprios interesses. As classes médias, sem illustração e sem influencia, eram as primeiras a aceitar humildemente a tutela dos inglezes, a entregar lhes de boa mente a direcção de todos os seus negocios. Acontecia que na propria praça de Lisboa, a grande maioria de lojas administradas por portuguezes, e das quaes estes apparentavam ser os unicos proprietarios, não eram senão estabelecimentos inglezes, nos quaes os naturaes tinham apenas um pequenissimo lucro; o que determinou o Marquez de Pombal a ordenar que fossem fechadas todas as lojas de venda a retalho, cujos donos não podessem provar que pelo menos metade dos lucros d'ellas lhes pertenciam—medida violenta, e de limitado alcance, mas que prova o ponto a que as cousas tinham chegado.

Era portanto indispensavel levantar o espirito publico. Sem obter o melhoramento das condições da sociedade, era inutil tentar a reforma das finanças do estado. No entretanto o Marquez de Pombal começou por tomar uma providencia que lhe occasionou grandes contrariedades, que não pôde atingir completamente o seu fim, mas que, sob o seu ponto de vista financeiro, se lhe figurou d'um grande alcance. O Marquez de Pombal prohibiu a exportação d'ouro para o estrangeiro. O seu fim era evidentemente augmentar no reino a circulação metallica, muito empobrecida pelas frequentes remessas de ouro para Inglaterra. E n'uma epocha em que era deficientissimo o credito e não existiam outros agentes da circulação, que hoje, nos mercados europeus, suprem o numerario, comprehendendo-se bem quanto importaria a facilidade das transacções, e á riqueza do paiz, augmentar o valor da moeda em giro no commercio.

Mas as circumstancias não permittiam que esta medida desse o resultado desejado. Portugal tinha de saldar, como ainda hoje infelizmente acontece, o deficit da sua exportação sobre a importação, e não podia fazel-o senão em especies. D'este modo era impossivel estabelecer toda a solução de continuidade na sahida do ouro, e qualquer que fosse a severidade das penas da legislação, uma vez reconhecida essa necessidade, nem era possivel obstar á satisfação d'ella, nem mesmo aos abusos a que ella podia dar lugar. Isto comprehendiam os perspicazes ministros da Gran-Bretanha, e um dos seus embaixadores, justamente a proposito d'esta medida, cuja abrogação solicitava, não se pejou de o dizer francamente. «Senhor, observou elle em audiencia publica a D. José, vossa magestade pôde reprimir os seus subditos, mas não pôde restringir as suas necessidades.»

O rumo que estas palavras indicavam foi o que o Marquez de Pombal seguiu, envidando os mais tenazes esforços para augmentar a produção nacional. Portugal, antes do desastroso tratado de Methven tivera já algumas manufacturas importantes, que quasi tinham desaparecido. O Marquez empenhou-se em restaural-as. A fabrica real das sedas, as fabricas de lanificio da Beira conheceram o benefico influxo da sua poderosa influencia. A companhia dos vinhos do alto Douro nasceu igualmente ao aceno da sua vontade, como meio de aperfeçoar o fabrico dos vinhos chamados «do Porto» que adulterações successivas tinham desacreditado no estrangeiro, e do qual derivavam os principaes elementos da nossa exportação.

O grupo de medidas que o Marquez de Pombal tomou no intuito de augmentar a producção do reino,

offerece margem a mais de um reparo; poderia ser, e foi, em outros tempos, motivo de justificadas censuras, e até de vehementes suspeitas para a sua probidade pessoal. Mas n'ellas transparece tão claramente o vigor d'um alto espirito, e o louvavel pensamento de melhorar o seu paiz, que a posteridade, condemnando os meios, não pode deixar de ter em alta consideração o fim, e de absolver o genio poderoso do Marquez de Pombal.

N'um estado de civilisação rudimentar, em que a actividade e a iniciativa dos cidadãos é insufficiente, é indispensavel que o estado empregue meios, e adopte expedientes que seriam inadmissiveis n'um estado de civilisação mais adiantada. Certamente os processos por que o Marquez de Pombal, no intuito manifestó de desenvolver as colonias, procurou constituir as companhias do Grão Pará e de Pernambuco, se nos afiguram hoje odiosos, e até absurdos. Os monopolios são aos olhos dos modernos economistas sempre condemnaveis, e aquelles que Pombal fundou eram, a alguns respeito, em condições taes, que aos proprios olhos dos contemporaneos pareciam monstruosos. Mas resta provar se, ha um seculo, e nas condições desgraçadas em que estava o reino, era possivel proceder de outro modo.

A par d'isto Pombal assegurava a liberdade da navegação, e os navios que antes estacionavam muitos mezes no porto de Lisboa, sem que lhes fosse permittido transpôr a barra, puderam, graças á sua iniciativa fecunda, soltar as velas, e seguir livremente o seu destino, sem esperarem que se reunissem essas enormes frotas de que antigamente tinham obrigação de fazer parte. As leis repressivas do contrabando eram d'uma severidade tal, que excitavam, mesmo n'essa epocha, os mais vivos clamores da opinião: Pombal adoptou-as, apesar da aspereza do seu genio. Estes titulos não devem esquecer no balanço geral dos meritos e demeritos d'um homem d'estado.

II

Um dos primeiros cuidados do Marquez de Pombal, apenas começou a superintender na governação do estado, fora regularisar a contabilidade publica, que até ahí existia n'uma tal desordem, que a maior parte das vezes era impossivel averiguar ao certo a receita e despeza do estado. A falta de pessoal habilitado no paiz, tinha-se por costume mandar vir da Inglaterra e da Hollanda, homens praticos nas cousas de commercio, que eram os encarregados de fazerem os diversos lançamentos, e de servirem como que de guarda hyros do thesouro. O Marquez conseguiu em pouco tempo organizar regularmente a repartição do *Real Erario*, e logo que pôde formar a conta exacta da divida do estado, empenhou esforços para a solver, empregando n'isso não só o dinheiro que se encontrara nos cofres á morte de D. João V, mas fazendo vender no estrangeiro a uma grande porção de brilhantes que existiam accumulados e miteis no thesouro da corôa, e juntando o producto d'elles aos recursos que a sua economica gerencia ia apurando da receita publica ordinaria.

Mas a perturbação que causou em todos os servicos a horrivel catastrophe do 1.º de novembro de 1755 deteve o Marquez nos seus calculos. A primeira necessidade era tratar de occorrer á reedificação de Lisboa, e de applicar os indispensaveis remedios ás muitas e fundas feridas, que tinham ficado como consequencias d'aquella horrorosa catastrophe. A energia do ministro encontrou justamente nas difficuldades do

momento o terreno que lhe era proprio. Sem hesitar decretou um imposto de 4 por cento *ad valorem* sobre todos os objectos importados, e, como esta medida levantasse difficuldades, que augmentavam o conceito geral de que Portugal estava arruinado, fez publicar immediatamente por toda a Europa, que os estragos produzidos pelo terremoto estavam ou iam ser reparados, e que todos os credores do estado podiam apresentar na thesouraria real os seus creditos para lhes serem liquidados.

Pode imaginar-se o effeito que produziria esta corajosa declaração, nos diversos paizes estrangeiros, e particularmente n'aquelles que estavam em relações mais proximas com Portugal, nos quaes realmente se tinha acreditado que o reino não poderia resistir ás extensas e terriveis consequências de tão espantoso desastre. A segurança e firmeza porém com que o Marquez de Pombal continuou a reger os destinos da nação, restabeleceram promptamente o credito do paiz, destruíram breve essa desagradavel impressão, e converteram-a em admiração e respeito pelo paiz que sabia triumphante de tão arriscada prova, e sobre tudo pelo homem que assumira a responsabilidade dos seus destinos.

Posto que sobreviessem novas e embaraçosas complicações, que pozeram em grave risco a situação do reino, e a vida do proprio monarcha, o Marquez, embora com a dureza peculiar ao seu genio inexoravel, soube desembaraçar-se de tudo, e ponde seguir impavidamente a sua carreira de reformador, repartindo a admiravel actividade do seu espirito por todos os departamentos da governação publica, e assegurando a situação financeira do estado por meio d'uma severa administração de todas as fontes da receita publica.

Os dominios da coroa achavam-se empobrecidos e amesquinados por frequentes doações de terras, parte das quaes nem eram aproveitadas por aquelles proprios que estavam de posse d'ellas. O Marquez de Pombal conseguiu que uma grande parte d'essas terras voltasse ao dominio da coroa, ao mesmo tempo que estabelecia um cofre especial para os rendimentos de diversas commendas que iam vagando, e que, por uma discreta economia, ia deixando de prover em novos senhorios.

Mas não foi só nos altos negocios do estado, nas grandes medidas financeiras, que o Marquez de Pombal assignalou a sua passagem pelo poder; foi em todos os promeiores da administração, ainda nos que aparentemente se mostram insignificantes, que o omnipotente ministro soube imprimir o sello do seu genio. O seu olhar investigador chegava, n'esse tempo em que faltavam todos os meios de inspecção e de vigilancia, até onde, n'esta epocha de publicidade e de luz, não chegam hoje os olhos dos ministros constitucionaes. Succedendo a um periodo de corrupção e de estiolamento, em que todas as molas da administração estavam frouxas e enferrujadas, a sua mão potente, empunhando vigorosamente as redeas da governação, soube crear uma situação nova, energica, e robusta. Apesar das enormes despezas que o estado foi obrigado a fazer para reparar os estragos das diversas calamidades que affligiram o reino, e para sustentar um exercito que nos garantisse da ambição de Philippe V de Hespanha, quando Pombal depoz os sellos do Estado, Portugal tinha satisfeito todas as suas dividas, e nos cofres do estado havia em deposito setenta e oito milhões de cruzados, quantia que nunca até então o thesouro portuguez conseguira reunir.

Não é porém por esta grande somma de capitaes

acumulados, que aos olhos da sciencia moderna pôde até constituir um grande erro economico, que se deve julgar da administração financeira do Marquez de Pombal. Os principaes titulos da valia d'essa administração estavam na prosperidade interior do reino, attestada pela facilidade e segurança de todas as suas relações, no desenvolvimento progressivo da industria, e sobretudo da agricultura, no augmento do nosso commercio com as colonias, e do nosso trafico interno, que começava a emancipar-se da tutela britannica, e a crear uma individualidade propria. Por estes factos, que irrecusaveis documentos attestam, é que se podem e devem avaliar os resultados da administração financeira do Marquez de Pombal.

III

Sempre que á frente de um paiz apparecem homens como o Marquez de Pombal, que conquistam na historia um logar distincto, é natural que sobre o seu merecimento e serviços appareça a contradicção dos pareceres, contradicção que não só se explica pelas boas e más paixões que a propria grandeza d'esses vultos forçosamente desencadeia, mas que tem um fundamento real nos vicios e qualidades que sempre se juntam n'esses caracteres excepçionaes: A vida do Marquez de Pombal, como homem de estado, não deixa de ter sombras espessas; nem tudo na sua carreira são pontos luminosos; e quem escrever imparcialmente a sua historia não pode ter os olhos tão deslumbrados por uns que não perceba a existencia das outras.

Sully, Colbert e Richelieu, foram grandes homens d'estado e grandes administradores. Prestaram grandes serviços ao seu paiz, e commetteram tambem grandes erros. O Marquez de Pombal, cuja alta capacidade d'estadista, tem pontos de contacto com todos elles, não disponde dos recursos de um grande paiz, posto que Portugal, ha um seculo, representasse nos conselhos da Europa, pela extensão e opulencia das suas colonias, um papel bem differente do que tem hoje, soube elevar-se a uma posição não menos digna do respeito e da admiração da posteridade.

Accumularam-se sem duvida a embargar-lhe o passo obstaculos que fariam succumbir uma vontade menos bem temperada. E apesar d'isso, elle conseguiu realisar uma transformação financeira, firmar uma situação politica e social, que, quer nos seus resultados, quer nas suas difficuldades, não circumdou o seu nome d'uma aureola menos fulgurante e gloriosa do que a de qualquer d'aquelles tres grandes vultos.

O Marquez de Pombal teve alem d'isso o alto merecimento de subir ao poder precisamente no momento em que Portugal precisava d'uma mão energica e segura que o arredasse do abysmo economico, e porventura politico, em que ia sepultar-se, e do qual talvez nunca mais poderia erguer-se. Sem a acção omnipotente do Marquez de Pombal, no meio dos perigos e das calamidades que sobrevieram n'esse perigo doloroso, quem sabe se Portugal conservaria a força precisa para resistir ás duras provações por que ainda tinha de passar nos dous seguintes reinados, e se poderia aguentar-se de pé até á epocha, em que lhe seria permittido entrar no amplo caminho das grandes reformas e dos grandes progressos da moderna civilização? No nosso humilde parecer o Marquez de Pombal chegou no momento proprio em que os seus eminentes dotes d'homem d'estado, e de reformador, podiam ser mais uteis ao seu paiz. Foi essa tambem a grande felicidade de Portugal.

A. D. PINHEIRO E SILVA,

IMPROBUS LABOR

Como severo pae de um depravado filho,
Com latego certo e rija educação,
Indicou-lhe da honra e do progresso o trilhão

Esta foi de Pombal a fervida missão.

E das paternas leis cuspiu no puro eodigo
O ingrato Portugal: foi sempre um filho prodigo.

CARLOS FARIA.

UMA VIOLAÇÃO DO TERRITORIO PORTUGUEZ

DURANTE O GOVERNO DO MARQUEZ DE POMBAL

Se a reforma da administração interna da nação dá ao Marquez de Pombal gloria immorre-doiira, a historia das nossas relações internacionaes, durante o seu ministerio, é documento de não menos valia, para o classificarmos entre os benemeritos da patria.

O prestigio a que poude elevar Portugal atesta o talento do estadista.

Modificando as condições internas do reino, conseguiu ao mesmo tempo pela sua politica impol-o ao respeito das demais nações.

A' frente d'um povo excessivamente fanatico, luta intemerato com o poder da curia romana, cujas tendencias absorventes coarta e limita, n'um duello tenaz e vigoroso, que deveria servir de modelo aos estadistas nossos contemporaneos. Tratando com potencias bellicosas e temidas a sua energia não afrouxa; antes, manifestando-se em rasgos de patriotismo, consegue manter immaculada a honra da patria.

São numerosos os documentos, abundam os factos, que provam quanto deixamos dito.

Narraremos um dos mais notaveis pela sua natureza, pelos actores que n'elle figuram e pela controversia, que a seu respeito se suscita.

Ao amanhecer de 18 de agosto de 1759, uma esquadra ingleza, composta de dezeseis naus e duas fragatas, do commando do almirante Bosca-wen, perseguia, á vista da costa do Algarve, o chefe da esquadra da marinha franceza M. de la Clue, sob as ordens do qual navegavam as naus *l'Ocean*, *le Redoutable*, *le Modeste* e *le Temeraire*.

M. de la Clue, em frente de forças tão superiores, julgou-se inevitavelmente perdido, resolvendo por isso encalhar os seus navios entre Lagos e Sagres, e, depois do desembarque das guarnições, incendiar-os.

L'Ocean e *le Redoutable* encalharam effectivamente proximo de Lagos; *le Temeraire* e *le Modeste*, por indicações d'um pratico fundearam junto de Sagres.

O almirante inglez atacou-os n'estas posições, e, apesar do fogo da artilheria portugueza, que os protegia, conseguiu incendiar *l'Ocean* e *le Redoutable* e aprisionar os restantes.

Esta flagrante violação do territorio portuguez deu logar a que Portugal reclamasse energicamente da Inglaterra uma satisfação e a entrega dos navios illegalmente aprisionados. Pela sua parte, a França exigiu de Portugal o castigo dos commandantes portuguezes, que, segundo ella, não tinham empenhado todos os seus esforços na defeza, e a restituição das prezas, que não podiam, por principio algum, ser julgadas como boas.

Em resultado da reclamação veio a Lisboa lord Kinnoul e, em audiencia publica, estando presentes os ministros estrangeiros, deu ao rei D. José a devida satisfação da parte da Gran-Bretanha, accrescentando que os officiaes inglezes tinham recebido ordem, para de futuro serem mais circum-spectos no seu procedimento.

Pelo seu lado o governo portuguez mandou proceder a um inquerito sobre o comportamento dos commandantes dos fortes, sem que todavia fosse castigado algum.

A satisfação da Inglaterra não foi, porem, seguida da entrega dos navios; e por outro lado lord Kinnoul obteve algumas concessões a favor do commercio inglez.

F. L. Gomes admira-se do barulho, que em Lisboa fez este caso, e duvida que d'elle tivesse resultado alguma gloria para Pombal. O mesmo historiador julga apocrypha a nota apresentada pelos apologistas do Marquez, para mostrarem a firmeza com que o grande estadista procedeu n'este melindroso negocio.

De facto a nota, a que nos referimos, está concebida em termos bastante bruscos, e sem as atenções, com que habitualmente se tratam negocios d'esta natureza; mas, sem querermos contrariar a opinião de tão abalizado escriptor, seja-nos permitido recordar que Portugal não fóra merecedor de mais consideração da parte da Inglaterra, quando, annos antes, lord Tirawley, reclamando contra a lei, que prohibiu a exportação do ouro, dizia a D. José 1.º: *Vossa Magestade pode reprimir os seus subditos, mas não restringir as suas necessidades.*

.....
qual seria a consequencia d'este procedimento? Os cultivadores dos campos, os mercadores de gado, e todos os fabricantes, que trabalham para vestir os subditos de Vossa Magestade, e os navios mercantes, que no porto de Lisboa estão apinhados, se conservarim em armas e iriam ao Brazil apoderar-se de maior quantidade d'ouro, que de Portugal poderiam receber.

Este discurso, que F. L. Gomes acceita como documento historico, e que tambem não prima pela delicadeza da forma, deu azo a Pombal para mostrar a sua energia, respondendo a tão insolita ameaça com o silencio, e mantendo a lei, que só mais tarde revogou.

Um auctor, que não pode ser considerado co-

mo suspeito, Mr. Théodore Ortolan, na sua obra *Regles Internacionales et Diplomatie de la Mer*, a propósito da violação de territorio, de que se trata, que elle considera uma das mais notaveis, e que é conhecida nos annaes diplomaticos, merecendo ser citada, *parce qu' elle donna lieu, de la part de Portugal à une demande en réparation et à une amende honorable de la part de l'Angleterre*, transcrevendo, quasi integralmente, a nota questionada, diz: « la vigueur de ce langage imposa à la cour de Londres, qui céda enfin.

São do sr. Latino Coelho as seguintes considerações: — *A firmeza com que o seu braço (o de Pombal) já mais desfallecera, para vibrar perigosos golpes ao Vaticano não affrouxou, quando o contendor era um governo temido e arrogante, o qual podia, n'um momento, povoar com alterosas náus de sua esquadra, o porto de Lisboa e volver em hostilidade a alliança immemorial.* »

Refere-se evidentemente o erudito escriptor ao caso de que tratamos, não duvidando da energia com que a negociação foi dirigida, e julgando a satisfação digna da hombridade portugueza. É tanto mais para notar esta opinião, quanto o livro, d'onde a transcrevemos, foi publicado posteriormente á obra de F. L. Gomes.

Apocrypha ou não, a nota é a expressão dos sentimentos de Pombal, com relação aos nossos fieis alliados, e, debaixo d'aquella forma ou de outra, é certo que o grande estadista era dotado de energia e tacto bastante, para obter semelhante resultado.

Quem, no intuito de conservar a neutralidade, recusa adherir ao pacto de familia, sendo por isso forçado a uma guerra, que não deslustrou as nossas armas; quem, annos mais tarde, quando a doença já levava appressuradamente para a campa o rei D. José, e, vendo assim o seu poder a terminar, se preparava, só, para arear com a França e Hespanha, em pugna mais terrivel, por ter de ser ferida em mais amplo theatro, não admira que n'um rasgo de patriotismo exigisse energicamente e com a rudeza do seu character, uma reparação devida á dignidade da patria offendida covardemente por uma violação do direito das gentes.

A satisfação da Inglaterra, considerada nos annaes diplomaticos como *une amende honorable*, é mais extraordinaria ainda, por ser dada por uma nação orgulhosa e desde longa data acostumada a considerar-nos como colonia sua, productiva e pacata.

Eis a razão do barulho, que fez.

Não foi completa? E a que Portugal deu á França, foi-o porventura?

Apezar d'isso, o governo francez, só passados trez annos, declarando guerra a Portugal em consequencia das perfidas combinações do pacto de familia apresenta a sua entrega dos navios aprisio-

nados, como um pretexto mais, para colorir o seu passo desleal.

Compare-se este procedimento com o da mesma nação, nos casos tristemente celebres do almirante Roussin e da Charles et George!

A vinda de lord Kinnoul, a satisfação, e a occasião em que foi dada, mostram bem como as nossas relações diplomaticas eram dirigidas.

Se Portugal não tivesse subido em consideração, a Inglaterra não daria o passo, que deu. Procedeu d'esta maneira, porque sabia não ser aquella a epoca dos *tratados de Methuen*.

Eis a consequencia dos governos fortes, illustrados e patrioticos.

O de Pombal primou n'estas qualidades; por isso me associo com entusiasmo á solemnisação do centenário do grande estadista.

FRANCISCO REGALLA.

Quando na torre ha pouco a meia noite deu,
Em pesadelo mau o negro jesuita
Na alma atribulada o vulto resuscita
Do imigo mais cruel que a seita conheceu.

E, de pavor tremendo, ouviu: « Ah! vil atheu,
Ministro vos dizeis d'um Deus! Raça maldit a,
Sabei que já soou a hora da vindicta,
E que se hoje revivo é p'ra castigo teu. »

Desperta, e aterrado o animo inda sente,
E esta ideia só o peito lhe consola:
« A seita vive, e elle existe só na mente. »

Tremei, ainda assim, ó filhos de Loyola.
Tremei; o odio seu revive eternamente,
Porque das vossas mãos elle arrauçou a escola.

MANUEL DE MELLO E FREITAS.

Non ! le cereueil este vide, et la tombe à menti!

.....
Il n'est pas mort ! il n'est pas mort ! De son sommeil
Le geant va sortir plus grand à son reveil.

EDGAR QUINET.

Disse ha pouco um pensador distincto (1), que uma das mais brilhantes paginas da historia contemporanea era a confraternidade das nações do mundo civilizado. Que bello pensamento! Dilatando-o agora um pouco podemos acrescentar, que não é menos brilhante pagina a tendencia unanime d'essas nações a celebrar por demonstrações respeitosas a memoria dos seus grandes homens.

Dá-se por este modo uma especie de solução á divida de gratidão para com esses entes privilegiados, benemeritos da patria. E dá-se tambem um certo estímulo a nobres ambições, desenvolvendo o germen de novas aptidões, esperanças da humanidade.

Dominado por esta ordem de ideias, como poderiamos deixar de acceder de bom grado ao honroso convite, que nos foi dirigido por parte da illustrada

(1) Mr. Dufaure,

associação do GREMIO MODERNO? Como deixariamos de collaborar, embora em modestissimo ponto, para a celebração do centenario do Marquez de Pombal, uma das maoires glorias do paiz?

Portugal devia inquestionavelmente áquelle estadista a homenagem, que actualmente lhe quer prestar: e tambem lh'a devia a nossa terra, que elle beneficiou.

Pela nossa parte—ousaremos dizel-o?—ha ainda um motivo especial, que nos torna sympathica esta collaboração. Suscita-nos uma recordação saudosa de certos periodos da nossa vida academica. Feliz tempo, em que a imaginação se nutria só de nobres aspirações, e elevados intitos!

Quantas vezes, divagando pelos amenissimos jardins da Luza Athenas, nos preocupou a memoria do Marquez de Pombal!... Quantas vezes tambem se deu em nós uma verdadeira absorção no ideal d'esse grande vulto, e na aspiração a vel o renascer para a prosperidade d'este desgraçado paiz!...

Dominado pela ideia do seu grande talento, e tino politico; pela sua inabalavel energia, e pela philosophia e bom senso das leis, que elaborou; por outro lado, impressionado com o tristissimo espectaculo da politica e administração do paiz, dizia eu nos meus soliloquios: que grande beneficio da providencia não seria apparecer hoje á testa do governo da nação um homem da tempera do Marquez de Pombal, modificada um pouco pela influencia da época.

O paiz achava-se com effeito então (e hoje como se acha?...) victima d'uma politica miseravel. Por um lado, a guerra civil, a dilaceração: por outro, as finanças completamente desorganizadas; e sobre tudo isto uma corrupção universal a gangrenar-lhe os membros. Para tão graves enfermidades não bastava um medico vulgar. Era preciso um especialista distincto, um Sebastião José de Carvalho. Isto é innegavel.

Era preciso fazer milagres, como elle fez, quando administrou o paiz. Não se admirem, que os fez effectivamente. Elle achou tudo desorganizado. O erario não tinha real. O povo estava pobre, e, pelo menos nas grandes cidades, desmoralizado. Não havia exercito, nem agricultura, nem commercio, nem industria. O que havia era uma preponderancia e ambição enormes da parte dos jesuitas, e da alta aristocracia, e havia tambem a inquisição ainda em grande força. E que fez elle em tal conjunctura? Que fez? Transformou tudo!

Arranjou dinheiro como por alchymia, de modo que deixou o erario abarrotado. Deu um desenvolvimento enorme á agricultura e á industria. Organizou o exercito, e a marinha. Moralizou a nação. Abateu o orgulho dos nobres. Destruiu os jesuitas, e debilitou grandemente o poderio da inquisição, tornando-a dependente do poder real, que deslumbrava, e abolindo os autos de fé.

Mas que digo eu?... Fez elle por ventura só isto?... Não reformou tambem a legislação em geral, creando uma época nova na jurisprudencia?... Não reedificou Lisboa, abalada até aos alicerces pelo terrivel terremoto de 75?...

Que homem!... Foi uma verdadeira raridade!... A sua aptidão não se limitava a um ou outro capitulo de administração. Era universal. Não era por exemplo como Sully, Colbert, Alberoni, grandes homens aliás, mas de aptidão mais restricta.

Tinha defeitos, é verdade. E qual é o homem, por maior que seja, que os não tenha? Era um pouco despota. Mas é preciso ter em conta como atenuante a influencia do ambiente politico, em que vi-

via, e as circumstancias excepcionaes, em que subiu ao poder. Collocae um homem assim á testa d'nm governo constitucional na época presente, e vereis o seu despotismo. Elle tinha philosophia; e até os seus adversarios lhe notam o ser muito dominado pelas ideias philosophicas do seculo passado. O caso é, que o grande numero de leis, que fez publicar, e que constituem uma época brilhante na jurisprudencia patria, são repassadas de bom senso, e tino juridico.

Mas oh miseria da natureza humana! Este homem, que foi uma verdadeira gloria nacional, e que elevou a sua patria ao maior grau de prosperidade, terminou seus dias, dilacerado de desgostos, que lhe occasionaram ingratições dos seus contemporaneos!

Assim vae o mundo!... E' esta a sorte dos reformadores! Elle teve de arcar com grandes influencias; ferir grandes interesses; contrariar grandes ambições. Tendo pela frente tão poderosos adversarios, não podia deixar de cabir mais cedo ou mais tarde, no abysmo, que lhe minaram. O peor é que o paiz teve de pagal-o duramente. A historia é inexoravel.

Mas embora... Solvamos nós hoje até certo ponto a divida de gratidão, que achamos em aberto. Curvemo-nos com respeito perante a memoria brilhante d'aquelle incomparavel estadista. Seja o nosso labaro: «Aos grandes homens a patria reconhecida!»

AGOSTINHO MELICIO.

A INAUGURAÇÃO DA ESTATUA EQUESTRE

1775

(FRAGMENTO)

ACTO IV

A scena representa a loja de bebidas, denominada do Casaca. Paredes guarnecidas com espelhos de molduras doiradas, lustres de velas, etc. Além d'outros personagens, D. Braz Viegas, fidalgo ajesuítado, e por tanto inimigo do Marquez, sentado, conversando com varios amigos, etc.

SCENA IX

Os Precedentes, Marquez, Joaquim Machado de Castro (o esculptor da estatua), Bartholomeu da Costa (o fundidor), Juiz do Povo, Officiaes, etc. A casa enche-se de freguezes. Todos se levantam quando entra o Marquez, e saudam.

Marquez—(depois de ter analysado a loja) Igual ás meliores da Allemanha. (Ao Casaca) Os espelhos são já dos nossos...

Casaca—E o mais. (A parte ao Marquez) Segundo as ordens de v. ex.^a...

Marquez—Muito bem. (A parte) O progresso manifesta-se em tudo. (Alto, vendo-se a um dos espelhos) Não tem inveja aos de lóra. Bem desempenhos... muito claros...

D. Braz—(á parte aos amigos) A mim fazem-me a cara torta.

Marquez—Agora torna se mister que continuemos a aperfeiçoal-os. Os estrangeiros não descansam, e só á custa de trabalho constante e bem dirigido, é que se poderão levar de vencida. (Senta se)

Casaca—(para dentro em tom de botequim) O serviço de s. ex.^a Caldas, doces, vivissimo!

(O sequito do Marquez senta-se. Os crcados servem.)

D. Braz—(á parte aos amigos) E' o reinado dos compadres. Até o botequineiro é compadre de s. ex.^a!

E oh que ex.^a! Quando se viu um secretario d'estado n'uma casa publica!

Marquez—(á parte fitando D. Braz) O jesuita espera acontecimento grave. (Sorrindo) Pateta! (Alto) Agora já temos logar decente, onde se possa jantar e divertir a mocidade nobre. Antes aqui, do que por casas de jogo, e conventos de freiras... E depois... a classe média também ha de concorrer, e assim ir-se ha policiando com o trato dos outros.

Juiz—(offerecendo ao Marquez uma taça) V. ex.^a...

Marquez—Sirvam-se. Para mim...

Casaca—(com uma salva de prata, garrafas e copos de cristal doirado) Se o sr. Marquez... Esta garratilha de ratafia d'alperche foi especialmente preparada por minha mão.

Marquez—(aceitando) D'este. (Depois de beber) Excelente. Próvem, meus srs.; ratafia d'alperche, especialmente preparada por meu compadre.

(Casaca deita e vão bebendo.)

Juiz—Delicioso.

Outros—Optimo.

D. Braz—(á parte aos amigos) Villões! Elle diz, e os mais approvam. (Desesperado) Vou-lhes mostrar quem sou. (Alto) Traga um bule de ponche!

(Bartholomeu e Machado conversam baixo, mas percebe-se que discutem com vehemencia.)

Marquez—(reparando) Pelejam as artes?

J. Machado—Não, meu sr. Dizia eu que... sem querer diminuir o notorio merecimento do sr. Bartholomeu da Costa, me parecia... parecia-me já digo... que... fôra de muito proveito, na fundição da regia estatua—aquelle forno que já existia no Arsenal—construido por Drouet... o engenheiro francez...

Bartholomeu—E eu... perdoe-me v. ex.^a... respondia... e sustento, que se o forno de Drouet servira, é porque houve um Bartholomeu da Costa, que d'elle soubera fazer uso.

Marquez—(á parte) O genio é orgulhoso. Pôde-o ser. Tem de quê. (Para Machado) E então...

Machado—Concordo em que a fundição sabiu perfeita. Isso porém, que muitos julgam mais difficil, não me parece que o seja. Maior apreço dou eu ao instrumento dimensorio, que o sr. Brigadeiro inventára, para regular as medidas do esqueleto de ferro... os ventiladores que estabelecera, para seccar a fôrma... O povo pasma às vezes do que não comprehende.

Marquez—Quando elle saída, de um grito unanime, a obra do artista, entendeu-a. Não saberá dizer porque, mas sente-o. (Pausa) O estatuario concebeu e modelou a obra; o fundidor soube a exprimir com fidelidade... Foi Deus... só Elle poderia ser... quem juntára dois genios, para engrandecimento e gloria d'esta boa terra. Não os separemos nós! (Pausa.) Dizer que o forno de Drouet servira ao fundidor, ou que... também se disse... os desenhos do estatuario eram de invenção alheia... e que importa?! Se todos sabem quem são Joaquim Machado e Bartholomeu da Costa—artistas, cujo nobre orgulho jámais consentiria em se ornar de estranhas galas!... (pequena pausa—outro tom) Em quanto aos invejosos, responde-se-lhes com Jacintho Freire—«que tem por escusado furtar honra quem a sabe ganhar» (levantando se). São horas. (Sae)

(Todos se levantam. Bartholomeu, Machado, Juiz do Povo, etc., saem atraz do Marquez. Ouve-se rodar a carruagem.)

JOAQUIM DA COSTA CASCAES.

O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

As ruidosas manifestações publicas a que ultimamente tem dado logar o culto dos grandes homens, são ainda indifferentes para muitos e até por vezes motivo de gracejo e zombaria. Aos homens illustrados, aos publicistas, ás associações scientificas e litterarias, e a todos os que por qualquer fôrma podem influir no desenvolvimento intellectual do nosso paiz incumbe fazer desaparecer esta-indifferença vergonhosa e prejudicial. Os trabalhos de vulgarisação, accessiveis a todos os que pela sua profissão não podem dispensar longas horas ao estudo, mais ainda que as minuciosas investigações historicas, são o mais poderoso meio de desenvolver em o nosso povo o respeito devido á memoria do Marquez de Pombal.

Os escriptos que a litteratura portugueza conta sobre a epoca e administração de tão grande estadista são já numericamente muitos, mas muito poucos ainda relativamente ao seu merecimento e á sua influencia na civilisação portugueza. E' grande e indesculpavel a nossa divida; foi tão grande a sua actividade, tão variadamente se exercen que, de tudo o que pôde influir na vitalidade d'um paiz, quasi nada existe que não tivesse modificado.

A pedra e o bronze talvez mais facilmente que o livro podem tornar conhecido um nome; mas o respeito dos homens que na politica, nas sciencias, nas letras ou nas artes ganharam direito á nossa admiração, só o conhecimento esclarecido dos seus merecimentos e das suas obras o pôde dar.

Apontando esta divida, não esquecemos o muito que se tem feito; o entusiasmo com que o centenario do Marquez de Pombal é celebrado em todo o paiz é uma prova bem clara do quanto o seu nome é conhecido e apreciado. Só o desejo e a esperanza de ver completamente resgatada esta falta nos obriga a recordal-a.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

AVEXIRO E O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

Nas horas tristes do desterro, duplamente magoado, já pela injustiça de uns, já pela ingratição de outros, mal diria o Marquez de Pombal, coja morte, após dias angustiados, passou em silencio para este paiz, que cem annos depois reviveria na memoria de todos os portuguezes a figura da sua imponente individualidade. E' que a historia, na fria contemplação de tantos testemunhos eloquentes e tantos factos assignalados, está superior ás veleidades e aos caprichos dos homens e tem sempre periodos de reflexão e estudo para avivar sem côres apaixonadas as datas memoraveis e honrar sem lisonja os benemeritos illustres. E' que a historia, serena e implacavel, tendo ao seu serviço a philosophia e a razão, jámais regateia, ainda que não pague em dia, as dividas de honra contrahidas para com os seus eleitos.

E o Marquez de Pombal foi um batalhador emérito, que só por si ennobrece uma nação e completa a figura de um heroe. Demolidor de velharias absurdas, inimigo do jesuitismo que minava a sociedade e ainda hoje pretende entorpecel-a, o Marquez de Pombal deu provas do seu alto espirito democrata declarando guerra de morte á Inquisição e á Companhia de Jezus, dois antros que apavoravam os espiritos e queimavam as consciencias. Na vida do ministro de D. José estes dois factos bastariam para lhe darem

logar solemnisimo entre os martyres da liberdade e os apóstolos da democracia.

Outros rasgos, porém, e outros commettimentos ousados o proclamam o mais illustre e o mais destemido dos reformadores do seculo passado.

Espirito penetrante e emprehendedor, o Marquez de Pombal teve sempre em vista o engrandecimento e a prosperidade da patria. Os actos da sua vida o attestam: a abolição da escravatura, o desenvolvimento que elle deu á industria, ás artes, á sciencia, ao commercio e á agricultura, o vasto plano que concebeu de fazer das ruinas de Lisboa uma cidade formosa e attrahente, a coragem com que atacou os velhos preconceitos de raça e as instituições de nefasta memoria, tudo isto o torna digno de figurar na galeria dos mais prestantes obreiros da civilização universal.

Accusam-n'o de tyranno e dão fôros de crueldade a alguns dos seus actos de perseguição e vingança, que os teve na longa vereda dos seus poderes dictatoriaes. Mas que valor podem ter perante a historia esses factos dispersos, encarados com as reformas porque se assignalou a sua vida de estadista.

A tyrannia absolutista do Marquez de Pombal, desmantellando o santo officio, não foi senão um instrumento de liberdade, na phrase feliz do sr. Oliveira Martins. (1)

Ora, quando pela tyrannia, nos advem a liberdade, abençoada tyrannia!

Solemnizando hoje o primeiro centenario da morte do Marquez de Pombal, eu, o mais humilde dos escriptores do districto d'Aveiro, congratulo-me com o paiz pelo pagamento d'esta grande divida nacional, e orgulho-me de poder associar o meu nome a esta brilhante crusada de iniciativa individual, posta ao serviço d'um tão assignalado feito.

Que Aveiro, que o Gremio Moderno, a quem se deve o apparecimento d'esta publicação no dia de hoje, encontrem na vida e nos actos do eminente estadista do seculo XVIII um brilhante estimulo para commettimentos prestantes e saibam erguer a frente com independencia e seguir com denodo os passos do grande Pombal nos serviços que elle prestou á causa da liberdade e da democracia!

ALBANO COUTINHO.

SALVE! MARQUEZ DE POMBAL!

Salve! salve! ó heroe de tantos feitos!
O teu renome illustre encontra preitos
Em nossos corações!
De teu grandioso vulto a ingente fama
Entoa a toda a Europa e proclama
A patria de Camões!

Foste a incarnação viva e radiante
Da ideia do progresso palpitante
Que o occidente dourou!
Empunhando o teu sceptro de reforma
Para as leis d'este povo deste a norma
Que teu genio insufflou!

A patria tu ouviste lamentar-se;
A vaga do teu Tejo espadanar-se
N'um montão de ruinas;
E, firme entre os escombros e desgraças,
Um plano gigantesco logo traças
Sob o pendão das quinas!

(1) Historia de Portugal, tomo 2.º

Se crebros os terraqueos movimentos
Da rainha do oceano os fundamentos
Por terra derrocaram,
Da constancia e grandeza da tua alma
Surgira essa cidade, a nobre palma
Que estranhos te invejaram!

Mais que teu proprio rei a patria reges;
Bussolas de teu norte, só proteges
Fachos da nova aurora;
Se os nobres de tyranno te alcunharam
Nas sombras do passado se afundaram
Fulgindo tu agora!

As letras, as industrias e as artes
Surgem á tua voz em baluartes
Que o progresso firmou;
E dando á velha Europa nobre exemplo,
Os negros vendilhões do sacro templo
Tua dextra expulsou!

Que importa da nobreza a guerra dura
Tramada em senda negra e á procura
D'um fallaz ostracismo?
Teu pulso de gigante das algemas
Os élos transformara em diademas
Dourados de civismo!

Foste um heroe; teu genio firme, ardente,
Altivo, luminoso, altipotente,
Tudo soube vencer!
Na senda do progresso que traçaste
Os colossos das trevas derrobaste
Para a luz florescer!

Teu vulto magestoso e deslumbrante
Ha-de, através do tempo, triumphante
Nossa historia illustrar;
Não fenecem os feitos grandiosos;
Cada peito dos lusos valorosos
Erguer-te ha um altar!

Ave! gigante heroe! a ardente chamma
Que ainda após um seculo nos derrama
Sciencia e igualdade,
Em letras d'aureo fogo a patria adora;
Com teu famoso titulo se inflora
Na luz da liberdade!

E tu, Veneza liza, que despertas
Aos brilhos da homenagem que hoje offertas
Sob ceu de Portugal,
Bem dirás com justiça a lealdade
Com que sempre tratara esta cidade
O Marquez de Pombal!

Avante, cidadãos!... é hoje o dia
Em que ha um seculo se extinguiu
A' luz d'um dos pharoes;
Seja a civica festa do progresso
Nossa c'róa de rosas sobre o ingresso
Do pantheon dos heroes!

A. E. D'ARAUJO E SILVA.

A PROPOSITO DO MARQUEZ DE POMBAL

A politica é como as montanhas: vista de perto,
da pequena distancia dos interesses quotidianos, apre-

senta-se cortada de precipícios e eriçada de despenhadeiros; vista de longe, da grande distancia dos principios, todos esses pequenos accidentes desaparecem, e o seu perfil projecta-se no azul da atmosphera em toda a firmeza ideal dos seus contornos.

O que separa por isso os diversos partidos politicos é mais uma differença de ponto de vista do que um antagonismo fundamental de principios.

Qual é com effeito o alvo a que mira a politica em todos os tempos e em todos os systemas? Ao estabelecimento da justiça, que é o exercicio do direito pelo cumprimento do dever.

Os partidos retrogradados, que representam a noção prehistorica da auctoridade e que vivem, como os nossos avós trogloditas, nas cavernas sombrias da realza, tomam n'a pela propria divindade, porque não conhecem outro céu além da abobada do antro que habita. Os partidos conservadores, collocando a noção juridica da auctoridade acima da noção scientifica da liberdade, sacrificam o progresso ao idolo da ordem. Os partidos avançados, ainda na sua grande maioria impregnados de metaphysica jacobina, fazem da liberdade um principio absoluto e transcendente e arriscam a ordem, suppondo a liberdade incompativel com a auctoridade.

O espirito positivo do nosso tempo começa a fazer justiça a todas estas illusões. Principia a comprehender-se que a politica é uma verdadeira sciencia de applicação, e mesmo a mais difficil e complexa de todas as sciencias, pois que estuda os phenomenos eminentemente variaveis e delicados da vida superior da humanidade, investigando as leis que os regulam, as circumstancias que os provocam e os incidentes que os perturbam.

N'este elevado ponto de vista, que constitue a noção fundamental da democracia moderna, todas as antigas intransigencias partidarias se coemham n'uma harmonia superior. Não ha formas absolutas de governo, porque não ha formas invariaveis de civilização. Um governo é a resultante de todas as forças convergentes da actividade moral e intellectual d'um povo.

Chama-se por isso bom governo a toda a organização politica, que se deriva logicamente, como uma consequencia legitima, d'um certo estado de civilização; chama-se mau governo a todo aquelle que, em vez de ser uma força reguladora e progressiva, é um estorvo ao desenvolvimento normal da sociedade.

Estes principios constituem hoje a base de todo o criterio historico. A sciencia de governar não é uma sciencia abstracta, independente do condicionalismo do meio e do tempo. Em politica o que hoje é um erro pôde ter sido ha um seculo uma necessidade inilludivel. A sociedade é um organismo em perpetuo estado de evolução, que tem como todos os organismos as suas crises, as suas doenças e os seus estados pathologicos, para os quaes se não descobriu ainda nem descobrirá jámais panacea universal. O charlatanismo monarchico, representante da therapeutica classica, pretende curar todas essas doenças com sangrias e causticos; o charlatanismo constitucional opta pelo regimen emoliente e receita cataplasmas, banhos tepidos e agasalho; o charlatanismo radical opina pelo regimen debilitante e prescreve depurantes e diéta rigorosa. E todos elles julgam a sua therapeutica infallivel.

É o eterno vicio da metaphysica e dos processos deductivos, o de querer comprehender a generalidade dos factos dentro dos estreitos limites de um princi-

pio theorico, que tem apenas applicação a um pequenissimo número de casos.

Infelizmente a metaphysica ainda governa soberanamente nos dominios da politica, conservando por inercia ou por espirito de rotina praticas de ha muito capituladas da estereis, e regeitando processos aconselhados pela sciencia mais segura e mais insuspeita.

Acodem-me estas reflexões um pouco tumultuariamente ao ver a malevolencia ou a ignorancia com que o partido reaccionario e os sentimentalistas ordeiros do liberalismo monarchico passam diploma de despotico, de sanguinario e de cruel ao Marquez de Pombal, sem considerarem nenhuma das circumstancias do tempo e do meio em que esse grande homem de estado teve de desenvolver a sua acção governativa.

Os reaccionarios comprehendendo eu que lhe chamem tola a casta de nomes feios, por que elles adoram a crueldade e estremeçam o despotismo, mas só quando se exerce contra os inimigos de suas reverendissimas e em proveito das mesmas. Assim elles divinizaram Loyola e deram o epitheto de grande ao rei Filippe II; e seriam capazes de adorar Nero, se este, em vez de fazer dos christãos archotes para alumiá-los os herejes, fizesse uma fogueira de herejes para aquecer os christãos. São hoje, estes santos, o que foram sempre e em toda a parte: tão ciosos da propria liberdade como amantes do despotismo para com os outros. Assim nasceram e assim não de morrer: impenitentemente velhacos.

A accusação porém por parte dos liberaes da monarchia attinge as proporções de uma ineptia. Elles queriam talvez que Sebastião José de Carvalho nos outorgasse uma carta constitucional em 1750, logo que foi nomeado ministro, e que tivesse para com os jesuitas, que se queriam levantar com a America portugueza, que conspiravam por toda a parte, que intrigavam por todas as formas, que corrompiam por todos os modos, que assoberbavam completamente o estado tolhendo-lhe todos os movimentos, as attentões reverenciosas d'um diplomata para com um enviado estrangeiro. Depois os mesmos liberaes exigem que o Marquez de Pombal, em 1758, tivesse estudado Bentham, que tinha então dez annos de idade e todos os criminalistas que vieram depois d'elle, para não martyrisar em Belem uma fidalguia estúpida, insaciavel e insolentissima, que, vivendo faustosamente á custa de todas as espoliações e dos favores mais escandalosos da realza, ainda achava tudo isso pouco para os seus merecimentos e entretinha os seus ocios a conspirar contra a mesma realza e a espancar e a assassinar de noite nas ruas de Lisboa, de camaragem com fadistas e toureiros, todo o cidadão que ousasse sahir a porta para fóra.

Exigem que o Marquez de Pombal desbellasse a anarchia mais desenfreada na administração publica e nos costumes com ratorios impando de rethorica sentimental e com leis cheias de tyrismos humanitarios, em quanto a nação, arruinada, miseravel, fanatizada e corrompida se afundava na vergonha e na ignominia, ao pezo das extorsões dos nobres, das espoliações dos inglezes, da voracidade dos frades e das patifarias dos jesuitas.

Não seria mais logico e mais curial exigir dos nobres que fossem mais decentes, dos inglezes que fossem mais honestos, dos frades que fossem menos brutos e dos jesuitas que fossem menos velhacos?

Pensem n'isto os liberaes.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

Na distribuição dos benefícios, com que a Providencia dotou os diversos povos da terra, não fomos nós, os portuguezes, os menos favorecidos.

Deu-nos um clima saudavel e temperado, um céu d'anil, montanhas e collinas graciosas, valles deleitosos, regatos de rios d'aguas puras e crystalinas, arvores frondosas, carregadas de pomos saborosos, campos feracissimos, onde mana o leite e o mel, um oceano orlado de praias recortadas de portos navegaveis, d'onde sabiram os primeiros navegadores do mundo, uma população doce, sensivel, amorosa,—coração de ouro onde se encerram as afeições mais puras da humanidade.

Deu-nos poetas inspirados, homens eminentes nas letras, artes e sciencias, no fôro e na milicia, estadistas illustres, acima dos quaes fulgura, como astro brilhante, Sebastião José de Carvalho e Mello, conde d'Oeiras e Marquez de Pombal.

Todos conhecem as grandes reformas effectuadas por este insigne varão, emulo de Richelieu, em todas as provincias da administração publica d'uma época em que só um pulso robusto, e uma coragem firme, como a do Marquez de Pombal, poderia realisar, desfazendo os atritos, que se oppunham á sua poderosa iniciativa, toda consagrada ao serviço da sua patria. Basta só que recordemos que, em quanto existirem almas sensiveis e generosas n'esta boa terra portugueza, se lembrarão sempre com amor e gratidão do nobre Marquez de Pombal pelo bem, que fez á humanidade e ao seu paiz, declarando livres todos os escravos que nascessem ou pozessem o pé no continente de Portugal, emancipando os indios do Brazil, acabando na India com a distincção entre gentios e christãos, e no reino com a de christãos novos e christãos velhos.

N'isto mostrou o Marquez a sua grande alma, a par d'um profundo tino politico.

Em todos os actos da sua longa vida denunciou sempre a energia do seu caracter.

Quando el-rei D. José, aterrado á vista do terrivel cataclismo que destruiu Lisboa, em que milhares de victimas ficaram sepultadas sob os seus escombros, perguntou ao Marquez o que havia de fazer-se no meio de tanta desolação e ruina; respondeu elle:—*Agora, senhor, é tratar dos vivos e enterrar os mortos.* Dentro em pouco, a cidade resurgia, como a Phenix, sobre as suas proprias cinzas, e apparecia vistosa e louça como se não tivesse passado por ella aquella tempestade de fogo.

Um facto do Marquez de Pombal, ainda pouco averiguado, é o do mysterioso exilio infligido a José de Seabra, seu companheiro na governação do reino.

Alguem explica o do seguinte modo:

Tratara-se em conselho de estado, do casamento do infante D. João com D. Carlota Joaquina, de Hespanha, a que o Marquez se oppunha talvez com receio de que viesse a prejudicar o tratado de limites na America, por causa do qual a Hespanha, coadjuvada pela França, rompen pouco depois as hostilidades contra nós, abandonando nos a Inglaterra n'essa occasião, como em muitas outras.

José de Seabra, diz-se, revelára o que se havia passado em segredo no conselho d'estado, a D. Maria, mãe do infante, para quem o clero e nobreza, que o Marquez tanto desfalcára nos seus privilegios, convergiam todas as suas vistas cubicosas, e fundavam esperanças de rehaverm as perdas immuni-

Esta revelação fez perder no animo do Marquez toda a confiança que depositára em José de Seabra,

pelo que o mandára deportar para a provincia d'Angola.

José de Seabra lá foi para o degredo, almejando pela queda do Marquez e pouco tempo errou pelos inhospitos sertões africanos.

Um dia em que, sentado á borda do oceano, espreitava a vista triste por sobre a immensidade das aguas, sentindo as pungentes saudades da patria e talvez o remorso do que alli o trouxera, descobre na linha do horisonte um pequeno ponto branco que mais o mais se foi avolumando, até que bem depressa se convenceu de que era um navio do reino que demandava a costa em que elle se achava. Alvorocado, correu á praia, e qual não foi o seu assombro quando soube que o rei havia fallecido, que o seu primeiro ministro cahira do fastigio do poder, sendo despojado e desterrado, e que a rainha, que succedera a seu pae, o mandava buscar e arrancar ao seu duro martyrio?

Não garantimos, porém, a veracidade d'esta explicação.

Ao Marquez de Pombal aconteceu como ao leão velho da fabula, e como sempre tem acontecido aos homens da sua plana, mas a quem um dia a posteridade faz inteira justiça.

A sociedade GREMIO MODERNO, d'esta cidade, vae hoje resgatar as culpas de muitos, consagrando á memoria do inclito ministro portuguez uma exposição de Arte Ornamental, que será uma pagina brilhante nos fastos da historia patria.

Honra e gloria ao grande Marquez de Pombal pelos innumerados beneficios prestados á sua patria, e nós, o mais humilde dos seus admiradores, aqui lhe votamos a nossa sincera gratidão e a mais profunda veneração.

J. S. FRANCO.

JUSTA HOMENAGEM

Aveiro, pagando hoje duas grandes dividas, mostra ao mundo que não póde nem deve ser alcunhada de ingrata. O Marquez de Pombal e José Estevão foram os seus mais desvelados protectores, depois que os seus tempos aureos se sumiram para sempre na voragem do tempo. Aveiro foi grande quando Portugal o era tambem; principiou a decahir quando os louros ganhados em cem batalhas feridas nos confins do mundo conhecido, murcharam nos aridos plainos d'Alcacer-Quivir. Perdida a independencia, perdeu-se a pesca do bacalhau, e com ella a maior industria que Aveiro então tinha. Era a sua grande fonte de riqueza, e o seu maior padrão de gloria, porque haviam sido os seus filhos os primeiros europeus que a exerceram. O commercio do seu sal, outr'ora tão importante, que os seus navios transportavam para terras longiquas, e os estrangeiros aqui vinham buscar em larga escala, paralisou consideravelmente, e afinal quasi que desapareceu de todo, porque, obstruida a barra, as salinas, tornando-se improductivas, converteram-se em pantanos, cujos miasmas vieram augmentar as desgraças já existentes, reduzindo a população a um terço do que

fôra. Perdida a industria da pesca e esterilizada a do sal, Aveiro tinha necessariamente de morrer á mingua de recursos, porque, não tendo meios proprios para acudir ao estado lastimoso da sua barra, não os podia obter nem sequer pedir ao Estado. Os seus destinos estavam entregues aos caprichos do seu donatario, D. José de Mascarenhas, que de duque d'Aveiro só tinha o titulo, pois em nada se parecia com alguns dos seus avós, que tão desvelados foram para com esta sua terra, como foi D. Jorge de Lencastre, que dos reis D. Manuel e D. João III houve não pequenos favores para os aveirenses, sendo d'elles na côrte sollicito procurador, como se prova por uma carta sua, escripta em 17 de junho de 1507, cujo original temos presente. De D. José de Mascarenhas não havia Aveiro recebido senão desconsiderações e vexames, pois o orgulho desmedido do filho segundo, que, por um capricho da fortuna, se viu de repente senhor d'uma das maiores casas de Portugal, não deixava ver as desgraças que opprimiam a villa, de cujo nome usava, e que, ainda mesmo que outra circumstancia não houvesse para d'ella se compadecer, essa de per si só seria bastante, para a recommendar á sua generosidade.

Em vista d'isto, facil é de avaliar qual seria a impressão produzida em Aveiro, pela noticia do attentado contra a vida de el-rei D. José, de cujo attentado se provava ser chefe D. José de Mascarenhas. Reunida a camara conjunctamente com a nobreza e povo da villa, no dia 6 de janeiro de 1759, lavrou-se um protesto de fidelidade ao monarcha, e assignou-se uma representação pedindo para que a villa, que desde o reinado de el-rei D. João II andava na familia dos Lencastres, passasse para a corôa, porque os seus habitantes não queriam continuar a ter por donatario o homem que havia attentado contra a vida do seu rei e senhor.

Esta demonstração expontanea dos aveirenses foi recebida com enthusiasmo pelo Marquez de Pombal, que se deu pressa em agradecer á camara, assegurando-lhe que os desejos do povo, cujo representante era, seriam satisfeitos, e que Aveiro, ficando pertença da corôa, havia de ser beneficiada tanto quanto podesse ser-o. A palavra do grande estadista foi cumprida. Aveiro entrou n'uma nova phase de progresso. Melhorou-se consideravelmente a barra, criaram-se escolas e procurou-se ensaiar novos systemas de cultura, como foi a do arroz e da batata. Não satisfeito com isto, o Marquez de Pombal, que desejava do coração a prosperidade d'Aveiro, pensou em estabelecer aqui uma fabrica de tecidos d'algo lão, para o que mandou proceder a experiencias em 1770. Visto o bom exito que ellas tiveram, decretou-se o estabelecimento da fabrica, que se estabeleceu com effeito em 1775, sendo seu director João Baptista Locateli, um dos artifices que Pombal havia man-

dado vir de França, quando tentou a regeneração da nossa antiga industria, se industria se pôde chamar ás duas ou tres fabricas que então tinhamos. Além d'estes melhoramentos materiaes, o Marquez de Pombal empreendeu e realisou outros de não menor alcance para os interesses d'esta terra, que por decreto de 11 d'abril de 1759 elevou á cathegoria de cidade.

Aveiro, que no reinado de el-rei D. João III havia deixado de ser comarca para formar um almoxarifado, cujas justicas eram providas pelo donatario, foi de novo elevada á cathegoria de comarca, por decreto de 4 de setembro de 1760, havendo sido extincta a provedoria de Esgueira, que lhe foi annexada, por lei de 11 d'abril de 1759. Em 28 de setembro de 1773 pediu o Marquez de Pombal o baculo de diocese para Aveiro, que lhe foi concedido por breve apostolico de 12 d'abril de 1775. Além d'estes, outros favores recebeu Aveiro do Marquez de Pombal; e muitos mais receberia se a morte de el-rei D. José não viesse arredar o grande estadista dos conselhos da corôa, para infelicidade não só d'esta cidade, como de todo o paiz.

Passaram-se annos e os males antigos reviveram. Aveiro que havia entrado n'uma nova epocha de prosperidade, principiou a decahir de novo, não obstante os melhoramentos comprehendidos na barra no principio d'este seculo. A invasão franceza e depois as nossas luctas civis, não permitiram que ella prosperasse, antes concorreram bastante para a sua ruina. Aveiro, esquecida por muito tempo como quasi todas as terras de provincia, depois de estabelecido entre nós o regimen parlamentar, só principiou a sentir os beneficios d'esse regimen, quando á voz potente de José Estevão se principiaram a estender através dos seus campos uma immensidade de longas fitas amarellas, se levantaram os muros derrocados do seu bello caes, se desentupiu a barra, se ergueu um magestoso edificio para sanctuario da instrucção, finalmente se ouviu o silvo da locomotiva, que muitos tentaram arrastar-nos para bem longe.

Aveiro, o que é e o que vale, deve-o unica e exclusivamente a dois grandes homens, dignos um do outro, e ambos dignos tambem da nossa veneração e da mais grata sympathia—o Marquez de Pombal e José Estevão. A ambos presta Aveiro hoje justa homenagem, commemorando o centenario do primeiro, e por iniciativa do Gremio Moderno abre uma exposição districtal, onde se acha reunido o mais notavel que da arte antiga se conserva n'esta circumscripção administrativa, e os magnificos productos da industria, que na mesma circumscripção se produzem—livro esplendido para estudo e incitamento, pois mostra o que fomos no passado e o que podemos e devemos ser no futuro. Ao segundo inicia o monumento que o ha de

tornar lembrado ás gerações por vir, lançando a primeira pedra nos cavoucos sobre que ha de assentar o marmore e o bronze com que os honrados artistas aveirenses procuram pagar uma grande divida de afeição ao seu mais desvelado protector e verdadeiro amigo.

MARQUES GOMES.

O IDEAL DOS POVOS

Sursum corda.

A ideia do bem, mais ou menos profundamente gravada na consciencia dos povos, encerra em si toda a moral que rege as sociedades humanas.

Deriva se d'ella a ideia da justiça,—o dever, e a ideia da liberdade,—a faculdade de reparar as imperfeições sociaes, e de elevar a dignidade humana.

Entre as classes menos esclarecidas, não é raro encontrar-se quem supponha que a liberdade é o direito de satisfazer todas as paixões. Engano deploravel e perigoso. A liberdade é o dever de sacrificar os interesses pessoaes ao bem-estar collectivo, e ao descobrimento das ideias justas.

A causa do direito é a causa da humanidade, mas é preciso que o egoismo, tão propenso a confundir o mal com o bem, não se illuda tomando o interesse pelo direito.

E' que o justo nem sempre é o util, quero dizer,—o util visto á sombra dos interesses pessoaes.

As ultimas palavras de Goethe espirante:—«Luz, mais luz!»—são a primeira aspiração dos que alvejam ao progresso. A ignorancia do bem envolve a existencia do mal, e o mal é uma nota dissonante na harmonia da creação.

Antepôr as leis do dever á satisfação do interesse pessoal é a primeira obrigação moral do homem. A actividade humana deve dirigir-se sempre para o bem, repellindo as suggestões do egoismo e dominando os arrebatamentos da paixão.

Combata-se a fatal inclinação para o materialismo consubstanciado nos regalos enervantes da vida commoda. As necessidades immortaes da humanidade não podem adormecer na mollicia.

Que o homem procure engrandecer-se seguindo os preceitos d'uma doce phylosophia cheia de elevação. Lição e exemplo: Socrates, Platão e Jesus Christo.

A pratica do dever não é o sacrificio das esperanças que palpitam no coração, nem a renuncia aos contentamentos que se entrançam nas maguas da vida. Ao contrario. Da troca de dedicações resulta que se recebe mais do que se dá, porque alem da reciprocidade dos affectos, temos a paz da consciencia a alegrar nos a alma e o rosto, e a provar-nos a intima união da felicidade e da virtude.

As vastas aspirações dos povos e os grandes interesses da humanidade gravitam em torno da ideia do progresso. Se o homem considerado individualmente, desaproveita a prerogativa de perfectibilidade que possui, que resultado pode colher-se das relações que ligam entre si os cidadãos?

Todo o homem é util á humanidade, logo que não decline os deveres que lhe incumbem. E quando a sua alma se levanta ás alturas do genio ou do heroismo, só por si pode dar impulso ao mundo.

E depois que na estrada do progresso fica marcado um passo de gigante, ainda a influencia do ho-

mem superior nos convida a modelarmo-nos pelo seu exemplo.

A admiração eleva a dignidade humana. O culto dos homens grandes é propicio ás ambições generosas que são o principio das grandes acções.

Não podia deixar de o comprehender assim uma sociedade composta de espiritos peregrinos. O GREMIO MODERNO, querendo commemorar uma data gloriosa nos fastos da historia patria, subscrive com as demonstrações das suas intelligencias e com os seus emprehendimentos civilisadores para a manifestação em que se affirma a força moral d'um povo.

Unidos pela solidariedade d'uma efficaz collaboração, os membros do Gremio Moderno attestam com obras e ideias a excellencia da doutrina do progresso. Constituem assim uma sociedade aperfeçoada na sociedade que aspira ao aperfeçoamento. Coadjuval-os nas suas nobres empresas é o cumprimento d'um dever ao mesmo passo que a conquista d'um corôa.

A grande luz deslumbra os noctivagos. Na ardente aspiração da perfectibilidade, os espiritos lucidos não se deixam obcecar pelos erros sombrios que são a noite sem o repouso.

A sociedade sente no intimo a commoção profunda que precede as grandes transformações.

Tudo o que envelhece, morre: uma lei immutavel.

Ao esquecimento, que varre de sobre a face da terra o que não é digno de imperar n'ella, entregue a sociedade a ideia das instituições decrepitas, como Balberck e Palmyra entregam ao vento do deserto o pó das suas maravilhas.

Mas os pensadores profundos, que preparam os tempos novos, não devem escavar na lama em vez de erguerem os olhos para as espheras.

Os germens da verdade desenvolvem se ao calor das palavras de paz, e só no reinado da verdade se pacificará o mundo que se agita oscillando de incertesa em incertesa.

Poderia entrever-se então, atravez do veu estrelado que envolve o futuro, essa republica ideal que tem por legislação o Evangelho, e por exercito este preceito: «Amae-vos uns aos outros».

Para que a realidade dos factos desse a esta abstracção a auctoridade das coisas que são, bastaria talvez substituir a persuasão á repressão, e educar assim a liberdade humana para o bem e para a virtude.

Seria defeito para desejar que a religião do Evangelho e o amor da familia fossem os principios fundamentaes da legislação universal.

Uma esperança cheia de promessas:—o augmento da vida intellectual na mulher, pelo desenvolvimento da instrucção.

O amor, o ideal divino que realiza a união das almas, é profundamente egualitario. Só assim pode operar-se a completa fusão dos espiritos que se atrabem. E' preciso que as duas intelligencias sejam por igual desenvolvidas, os dois corações egualmente amantes, para que sobre a dignidade da familia se funde a ventura estavel.

A comunidade de ideias, de impressões e de sensações que então estabelecerá a intimidade entre os paes, ha de preparar á sympathia dos filhos o desejo e a possibilidade de estreitar os laços da afeição. Assim, a abnegação a que o amor convida dispensará os sacrificios que a obediencia impõe, e a reforma social principiará pela regeneração da familia.

Esta ideia, filha do progresso, realizará aspirações vastissimas. Todo o movimeto que agite o centro

se communicará á circumferencia, passando da familia á patria, e da patria á humanidade.

BRANCA DE CARVALHO.

O SEculo DE POMBAL

Aos oito dias do mez de maio de 1772 morria tristemente na povoação de Pombal, apedrejado, vilipendiado, esquecido, insultado, até, na sua vida intima por um paiz estúpido, boçal e beato, o antigo burguez Sebastião José de Carvalho, primeiro conde de Oeiras, primeiro Marquez de Pombal e ex primeiro ministro d'el rei D. José, fallecido cinco annes antes. Esse homem, que fôra dotado d'um raro talento e d'uma rara energia, que erguera Portugal á altura das maiores nações do mundo, assentou aqui, inconscientemente, sem o prever, com as suas medidas rasgadas e as suas brilhantes reformas, as bases da futura democracia portugueza.

A occasião era azada para isso.

O mundo agitava-se e o velho absolutismo, que nunca se julgara em tanto esplendor, nunca estivera tão proximo d'um fim desgraçado.

Kepler, fundando com as suas leis astronomicas a mechanica celeste, estudando as distancias dos planetas ao sol e as orbitas que elles descreviam, e dando aquelle como o planeta central, e Galileu, confirmando com os seus brilhantes estudos estas theorias e as de Copernico, preparavam o espirito humano para as grandes conquistas da sciencia e principiavam a rasgar as folhas da velha Historia Sagrada.

Que importava que o illustre sabio fosse atirado ao fundo d'uma masmorra? Lá ficavam as suas obras, as suas descobertas, ficava a civilisação. Os jesuitas pretendiam aniquilar o homem, mas não aniquilavam a natureza e na natureza ha o vento, que arrasta n'um turbilhão as boas e as más sementes para as ir lançar ao longe, n'um cacto ignorado da terra, onde ellas germinam sem ninguem o sentir. Que importa que seja eliminada a luz brilhante, que rasgava as trevas? A luz passou, as trevas voltaram, mas a impressão ficou.

Newton, com as suas magnificas descobertas na optica e na mechanica e com as leis da gravitação universal, uma das maiores affirmações scientificas, continua a provar o poder immenso do homem e a cercar o prestigio de Deus. Casalpino, Harvey, Jenner, Descartes, Leibnitz e tantos outros iam preparando pacificamente a revolução scientifica, que havia de preceder e provocar a sanguinolenta revolução social. A civilisação passava por cima do mundo, como um facho, alumando-o com os seus raios brilhantes.

Os proprios reis sabiam da sombra e davam-lhe a mão, ao mesmo tempo que consolidavam o seu poder despótico.

Soprema incoherencia do espirito humano!

E' só no seculo XVIII que todas essas forças concorrem no mesmo ponto, para produzirem a resultante final.

Os soberanos e os seus cruéis ministros são inconscientemente as poderosas alavancas da revolução.

Na Prussia, Frederico II, o vencedor de Rosback, o iniciador da moderna tactica militar, illustrava o seu reinado com medidas fecundas e reformadoras na administração e na economia. Altera codigos, legisla sobre o ensino, funda a Academia de sciencias e bellas

artes, compra museus e cria theatros. Na Austria José II abole o direito de primogenitura, as servidões pessoas e dá um golpe profundo na theocracia. Na Toscana, Leopoldo II organisa um novo codigo civil e criminal, desenvolve a agricultura, o commercio e a industria fabril, decreta a egnaldade de todos os cidadãos perante a lei e abole privilegios, immuniidades e a pena de morte.

Na Hespanha, os habilissimos ministros Campomanes e Aranda refreiam o clero e reorganizam todos os serviços publicos. E' na França, todavia, que o movimento se acentua mais. Os reis abaixavam o clero e a aristocracia quasi ao nivel da burguezia para tornarem o seu poder mais forte e poderoso, mas o povo não tinha notado ainda que desaparecendo os privilegios, desapareciam os soberanos por inconsequentes e absurdos. E' a philosophia franceza, que se encarrega de o provar.

Adam Smith, Quesnay, Turgot, Necker fundam a moderna sciencia economica, ao mesmo tempo que d'Alembert, Diderot e Voltaire fundam a Encyclopedia.

Aquelles ensinam aos reis o modo de melhor desenvolverem a industria e a agricultura, demonstram-lhes os principios fundamentaes da distribuição mais racional do imposto, combatem os esbanjamentos, as loucuras, as arbitrariedades na administração e terminam por affirmar que só o trabalho é a unica fonte estavel da riqueza nacional. Estes proclamam os direitos do povo e dizem aos imperantes, que é a soberania d'este que elles exercem e que a sua vontade não é uma vontade individual, mas sim uma vontade collectiva.

Estava declarada a guerra aos thronos, que ainda hoje continua; erguia-se um grito de liberdade social, que ainda hoje se pretende abafar.

Ao passo que se produzia lá fôra esta grande agitação e que tudo procurava saber e instruir-se. Portugal rezava e prostituia-se. Batia no peito *contracto*, dizia missas por as almas do purgatorio e mandava as suas mulheres para uns alconces, que se chamavam conventos. O beaterio, de que o rei era chefe, vociferava nas egrejas contra a heresia e entregava-se cá fôra com os jesuitas a scenas immorales e dissolutas. Oude estavam as nossas valentes espadas d'outrora? Que era feito da nossa energia, da nossa heroicidade, das nossas riquezas e até, da nossa honra? Tudo morrera. Foi d'este meio desgraçado que surgiu um homem extraordinario pela sua energia e talento.

— Portugal, miseravel, levanta-te! exclamou elle; e Portugal levantou-se aos pontapés violentos do ministro sublime. Andou em pé, trabalhou, foi digno, em quanto o grande genio lhe andou com o chicote em cima das orelhas. Uma mulher idiota cortou o chicote e o malandro deitou-se de novo a dormir.

Oh! quem me dera a mim encontrar um revolucionario igual! Sim, porque Sebastião José de Carvalho e Mello, contra a sua vontade, sem o presentir, tão grande é a força das cousas humanas, foi o primeiro revolucionario portuguez.

F. HOMER CHRISTO.

O CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

A grandeza moral de Portugal alarga-se dia a dia, e a historia registra em caractere es indeleveis as eru-

ções entusiasticas do genio d'este povo, que foi o asombro do passado e que caminha ovante para o futuro que lhe sorri. Um olhar retrospectivo mostra aos portuguezes o brilho das armas com que conquistaram a liberdade cara, e o troar do canhão com que alcançaram os largos dominios da sua riqueza. Um olhar ávan e descobre a Portugal uma era ainda de mais brilhante luz, um fa ho ardente de scintillar e brilho.

A heróicidade portugueza, a ravessando na vanguarda do progresso do espirito humano, as evoluções da sciencia e das artes, pá a, de quando em quando, ante o scintillar d'uma ideia que lhe suscita uma da a, e, aureolada de gloria, solta en hu iasi a um brado retumbante, que ecoa em todos os co ações e se repercute em todos os tecan os de Portugal. A ideia do passado que lhe originou o futuro não pôde morrer jámais dentro do peito portuguez. E no passado ha dadas tão memorandas, ha phases tão heróias, que Portugal não pôde fugir a solbar lavas in-andescen es de en fusiismo venerando: a attesarem o seu ardor e a firmarem a sua glo ia.

Cabe a vez a Sebas ião José de Carvalho e Mello. O seu cen ena io diz luz e progresso, sciencias e artes liberdade e independência.

Diz tudo, pôrque o Marquez de Pombal, desenvolvendo o commercio e a agricultura, fomen ando a industria nacional, fez reformas profundas nos estudos, e dando a Portugal os legimos ti ulos da sua sobranceira, tornou a sua pá ria digna da veneração estrangeira. Gloria in on estavel d'es e paiz, não podia elle deixar de ter, ao fixar o centenário do seu de apparecimen o natural de sobre a terra, o justo preito e a homenagem dos portuguezes, que vêm diante das suas cinzas as beneli as van agens do seu valor heróio.

E Avei o, es e distri o por uguez, que não bem conhe e de per o as heróidades do grande vulto não esquece o seu dever: celebra o cen enario do pá rio a eximio com uma exposição re rospe iiva e de industria districtal. Syn he isa a gloria do passado com a gloria do presente—para deixar an ever a gloria do futuro.

El Oliveira d'Azemeis, filha legítima e dedicada d'es'e districto, vem também—por seu mais humilde filho—olto ar uma corôa de perpe uas sobre a memoria do heroe da pá ria.

BENTO GUIMARÃES.

O MARQUEZ DE POMBAL

PROMOVENDO A RECONSTRUÇÃO DA CIDADE DE LISBOA

Dos monumentos que a geração actual vae dedicar ao grande vulto, em cuja honra se escrevem estas paginas, será por certo um dos mais brilhantes e dos que mais teem sido pensados e estudados, antes de se levarem á execução, a pintura historica, cujo assumpto é o lemma que nos serve de titulo.

A cidade de Lisboa tem em via de construcção r quasi em completo acabamento os seus novos Paços do Concelho, que, a despeito de quaesquer criticas que o gosto artistico meticulosamente apurado lhes possa fazer, não deslustram o Senado da Camara da primeira cidade do reino. Natural era que d'esse edificio, vasto e elegante nas suas proporções, fosse a Sala das Sessões dos vereadores aquella onde se concentrassem os maiores apuros de ornato. E assim entenderam os representantes e administradores do municipio de Lisboa que n'esse salão, onde se lão de discutir os interesses da vida da grande cidade, devia

haver, como peça principal do seu adorno, um quadro que perpetuasse a memoria d'um facto historico, que á mesma dissesse respeito, e cujo assumpto servisse ao mesmo tempo para incitar os brios e alevantar os animos dos que nas gerações futuras se houvessem de succeder nas cadeiras da edilidade.

O artista escolhido para levar á realisacão este proposito da camara lisbonense foi Miguel Angelo Lupi, distinctissimo professor de pintura historica na Academia de Bellas-Artes em Lisboa, e pintor soberbamente conhecido como um dos primeiros senõ o primeiro em Portugal.

Por proposta da Camara, Lupi apresentou cinco ou seis ideias diversas que podiam ser tratadas no espaço, que na parede da sala das sessões se destinava á collocacão do trabalho artistico. D'esse punhado de assumptos um era—O Marquez de Pombal promovendo a reedificacão da cidade de Lisboa. Este foi o escolhido, e bem julgada foi a preferencia.

Seguiu-se a apresentacão de um esboço sobre este assumpto, o qual foi approved ba cerca de seis mezes. Pouco depois o professor de pintura historica installava-se em uma das salas dos Paços do Concelho, e começava o seu trabalho, uma completa creacão. Dizer as investigações profundas a que teve de se entregar o artista para, da poeira dos archivos, das pezadas memorias da epoca, das recordações conservadas pela tradiçào no seio das familias, poder desentranhar um lineamento de physionomia, uma particularidade do traço, a forma d'um movel, é obra a que não podemos metter hombros pela estreiteza do espaço e pela humildade das forças. Diremos apenas que Lupi trabalha no seu quadro ha cerca de quatro mezes, e que elle está longe do acabamento. A sala, onde elle se acha installado, é um musen de objectos do tempo do Marquez: retratos, moveis, fatos, cabelleiras, livros, mappas, gravuras, alcatifas, etc.

O facto historico, que se pretendeu perpetuar pela pintura, foi, como dissemos, a parte grandissima para não dizer unica, que Sebastião José de Carvalho teve na reedificacão da cidade de Lisboa, arrazada quasi na totalidade, e pelo menos nos seus edificios e monumentos mais ricos e notaveis, pelo horrivel cataclysmo de 1755. Como é sabido, o grande estadista, coadjuvado por hom ns, cujo talento elle sabia fazer vibrar a unisono com o seu, projectou fazer sahir d'aquelle montao de ruinas, não os antigos Paços da Ribeira e a Rua Nova, mas uma cidade completamente differente na disposiçào e regularidade das ruas, praças e largos, e no gosto, architectura e destino dos edificios. É sabido também que n'esse projecto grandioso, que a energica vontade do ministro conseguiu realisar, havia uma parte em que elle ao otill entendeu juntar o agradável e sobretudo o monumental. Essa parté da nossa Lisboa foi a Praça do Commercio com os seus edificios publicos, o grandioso arco, o Caes das Columnas, e mais tarde a estatua equestre do imperante.

Concluidos os estudos necessarios, feitos os calculos, desenhados os planos e introduzidas as modificacões que no decurso dos trabalhos se apresentaram, chegou o dia em que elles foram submettidos ao exame e apreciacão do ministro. Este é o momento psychologico que Lupi foi buscar á historia da reedificacão de Lisboa para fixar na tela, por fórmula que o quadro pôde mais especialmente ser intitulado—O Marquez de Pombal approvando e ordenando a construcção da Praça do Commercio.

A scena passa-se na sala de trabalho do ministro. Esta sala tem, conforme o gosto da epoca, a pa-

rede forrada de azulejos até certa altura e d'ahi para cima ornada com pannos d'arraz. Quasi a meio da parede que representa o ultimo plano, um plintho de marmore sustenta o busto de D. José, que domina e parece prezidir á conferencia. A' esquerda do espectador uma meza de pau preto, de pés torneados, está carregada de planos e desenhos. No topo da meza e ao centro da composição, sentado em ampla cadeira de braços com espaldar de velludo escuro encimado pelas armas reaes, o ministro segura com a mão esquerda sobre o braço da cadeira e com a direita sobre a meza o desenho do alçado dos edificios da Praça do Commercio. A luz, que se suppõe vir de uma janella á esquerda do espectador, incide obliquamente sobre os papeis que estão em cima da meza, e sobre o busto e cabeça do ministro que dirige a vista para o Duque de Lafões, o qual, sentado em cadeira de braços, no primeiro plano á direita do espectador, escuta as suas palavras. Entre o Duque de Lafões e o ministro, mas um pouco mais proximo, e por detraz da cadeira d'este, em pé e com a mão direita mettida entre as bandas do colete, o Marquez do Alegrete, presidente do Senado da Camara de Lisboa, presta egualmente attenção ás palavras do ministro. A' direita d'este, Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, um pouco curvado sobre a meza, examina os planos que estão em cima d'ella. Finalmente á direita de Sobral, o engenheiro-mór Manuel da Maia, firmando a mão esquerda sobre a meza e segurando com a direita o plano pelo lado opposto áquelle que está sobre os olhos do ministro, espéra a approvação do projecto.

Em todos os accessorios da grandiosa composição ha a mais rigorosa verdade historica. Assim a cadeira, em que o ministro está sentado, bem como um trabalhado tinteiro de prata que segura alguns papeis sobre a meza, são copia de moveis pertencentes á antiga casa da India. Um dos planos, que pende para fóra da meza, é a copia exacta de uma planta que serviu na occasião, devendo poder-se ver o letreiro indicador do assumpto do desenho, o qual reza assim: «*Carta topographica da parte mais arruinada de Lisboa na forma em que se achava antes da sua destruição, para sobre ella se observarem os melhoramentos necessarios.*» No primeiro plano, á esquerda do espectador, está um tamborete, sobre o qual naturalmente se arrumaram alguns papeis que estavam sobre a meza antes de se desdobrarem os planos; n'esses papeis tenciona Lupi indicar alguns allusivos aos principaes actos da administração de Pombal.

Na escolha dos personagens que acompanham o ministro, teve o distincto pintor em vista agrupar os individuos que mais directamente coadjuvaram o ministro na reedificação de Lisboa, e que ao mesmo tempo representassem as diversas correntes de ideias que para esse fim se juntaram. Assim o Duque de Lafões, Regedor das Justças, é aquelle que especialmente foi encarregado de superintender na execução das obras; por isso elle tem debaixo do braço esquerdo um dos volumes do Tombo geral dos edificios. O Marquez do Alegrete, como presidente do Senado da Camara, é o natural representante da cidade. Ignacio da Cruz Sobral, um dos mais opulentos negociantes do tempo, representa o commercio e a riqueza publica, que o Pombal soube fazer contribuir para a reedificação de Lisboa. Finalmente o engenheiro-mór Manuel da Maia é o director tecnico, sob cuja superintendencia se fizeram os projectos que o ministro manda executar.

Os rostos dos cinco individuos são todos copias de retratos fidedignos, á excepção do do Duque de

Lafões, do qual não appareceu retrato algum. Mas aqui se mostra uma d'essas inspirações, que só teem os verdadeiros artistas; o Duque está representado a menos de perfil, e comtudo, no contorno que se nos apresenta á vista, seguiu Lupi os lineamentos característicos da familia, conforme os encontrou nos retratos do irmão do Duque e d'outros parentes.

Mas a attenção toda do espectador converge para o ministro e para o engenheiro-mór. N'este traduz-se perfeitamente o genio do homem, que delineou o aqueducto das Aguas Livres, e a alma dedicada do servidor do estado que, deixando a propria casa preza das chammas por occasião do terremoto, corre a salvar os preciosos documentos da Torre do Tombo confiados á sua guarda. Na figura do ministro revela-se, a nosso ver, a qualidade que mais caracteriza a sua administração,—a vontade de ferro. Alli está o homem ha pouco obscuro, o filho das proprias obras, que, chegado ao zenith do poderio, impõe as suas ordens ao representante da primeira nobreza, ao descendente de reis. Porque, para nós e máu grado as declamações d'alguns transviadores da opinião publica, o Marquez de Pombal foi a crystallisação mais perfeita do poder absoluto na historia de Portugal. A sua grandeza está exactamente em que elle soube ter vontade, vontade firme e inabalavel, vontade illustrada e logica, vontade que deu vida a um cadaver.

Vae já longa a descripção, e comtudo muito fica para dizer. Mas é preciso terminar, e fal-o-hemos dando as dimensões da notavel composição, que, no estado de maximo adiantamento que o auctor lhe pudér dar, deve ser exposta ao publico por occasião do centenário. A tela mede tres metros e vinte e seis centímetros de altura, por dois metros e cincoenta e tres centímetros de largura.

VICENTE MARIA DE MOURA COUTINHO ALMEIDA D'ÊÇA.

CENTENARIO DO MARQUEZ DE POMBAL

Fallar d'um homem grande é já em si difficil tarefa; mas muito peor é ainda, quando a respeito desse homem e dos actos da sua vida são accentuadamente contradictorias as opiniões dos que lhe succederam; quando, por uns, se tem visto louvar a sua energia e por outros se tem visto condemnar, ao mesmo tempo, a sua severidade; quando estes teem exaltado as suas reformas e aquelles teem stygmatisado o seu despotismo; quando mesmo se observa que, no occaso desse grande astro, houve a dura necessidade de ser indultado pelos grandes serviços rendidos á sua patria. Esse homem, facil é adivinhal-o, foi o Marquez de Pombal. Mas qual d'aquelles juizes será o verdadeiro? Talvez haja justiça de ambos os lados, porem não seremos nós que tentemos hoje aqui decidilo.

Muitos são os pontos por onde pode ser encarado o grande vulto de que nos estamos occupando; mas, por qualquer d'elles que marchemos, havemos de encontrar-o sempre com o seu grande genio, com a sua grande audacia e com a sua iniciativa inexaurivel, attributos esses que lhe deram a importancia maior a que um estadista pode chegar, ao mesmo tempo que alviantaram o paiz do estado de abatimento em que o tinha collocado o governo imbecil de D. João V, ás maiores alturas a que era possivel attingir. Sebastião de Carvalho, sendo dotado de paixões impetuosas, dominado pela necessidade de sensações fortes, como d'uma ambição ardente, e ao mesmo tempo generoso; de um patriotismo de tal sorte enraizado que não sonhava mais que no futuro engrandecimento do seu paiz; d'uma sensibilidade profunda e verdadeira; d'uma constancia tal nos seus emprehendimentos que subjugava todos os obstaculos; e finalmente cheio d'uma superioridade de genio e de espirito que o avantajava a todos os que o cercavam e o fazia despota, entrou no ministerio da guerra e estrangeiros por fallecimento de D. João V em 1750, com projectos marcadamente concebidos e com a firme tenção de os executar.

Um dos caracteres que, desde logo, mais se lhe distinguu, foi o de reformador exaltado e, como tal, lançou mão do gover-

no, decidido a levantar o seu paiz á verdadeira altura, donde elle podesse ser equiparado ás nações que lhe estavam muito alem em civilização. Para isso tomou como ideal de estadista e como modelo dos seus passos a Richelieu, e á similhaça d'este, queria consolidar o regio poder, levando assim ao regimen do Estado profundas alterações, no qual elle conheceu, desde logo, grandes abusos e descobriu vicios na governação publica, convencendo-se por isso de que um povo, sob pena de se anniquilar, não podia persistir n'uma senda opprobriosa, como a que elle resolveu, desde logo, remediar, á viva força, usando para isso de todos os meios, ainda mesmo os do terror e os do direito repressivo, pois que a tanto o impelliu o fanatismo pela sua missão reparadora. Pena foi que, a par das ideias avançadas que tinha sobre administração, possuísse tambem outras, perfeitamente erroneas, proprias do seu tempo e, sobre tudo, preconceitos pessoases que, como triste apranagio da fraqueza humana, lhe deslustraram os seus principaes actos! A primeira medida em que isso se manifestou e em que elle revelou a sua indole energica, foi a prohibição expressa e debaixo de penas severas, de não consentir que, em troca dos artefactos que nos vinham da Inglaterra, se deixasse ir o nosso ouro, querendo obrigar os inglezes a levar as nossas mercadorias correspondentes ao preço dos seus artefactos.

Entendia o grande vulto que a riqueza d'uma nação consistia essencialmente no instrumento circulante, que apenas o representa, e que, saindo de Portugal o dinheiro para a Inglaterra, ficava aquelle n'uma tal ou qual dependencia, pagando-lhe um enorme tributo que equivalia a uma grande desgraça, que era mister remediar.

Foi d'ahi que proveio esse grandissimo erro economico em que cahiu, a retenção da moeda, o que deu então logar a que o governo inglez, sobresaltando-se com essa medida, mandasse a Lisboa um embaixador, o qual disse ao Rei D. José: «Vossa Magestade pode opprimir os seus subditos, mas não restringir as suas necessidades.» Isso porem em nada fez mudar as ideias do ministro e só depois que se convenceu que não tinha forças para obstar ao contrabando, é que mudou de pensar.

Na presença d'um tristissimo acontecimento, que ainda hoje se conserva na recordação de todos, o grande genio do homem audaz sobrepujou tudo quanto appareceu de horrivel e lugubre nas horas de desolação e de pavor; fallamos do cataclysmo assombroso que teve logar na capital lusitana em 1 de Novembro de 1755.

Não é dado á penna o descrevel-o; mas se não fosse a coragem e o sangue frio admiravel do homem superior a tudo que o cercava, se não fossem as medidas acertadas e por elle immediatamente tomadas, se não fosse o extremo rigor por elle mesmo empregado contra os ladrões e os malvados que como harpias ou corvos que no campo da batalha, ceavam os seus sanguinarios appetites, invadiram a cidade; maior, mil vezes maior seria a catastrophe. Sebastião de Carvalho, se não teve forças para evitar o terremoto, teve-as para sustentar a ordem e para faser com que a capital surgisse dentro em pouco, das suas ruinas, mais bella e famosa do que era até alli.

Livre completamente de embaraços, senhor absoluto da confiança do soberano, temido no paiz e respeitado no estrangeiro, Sebastião de Carvalho continuou no seu systema de administração, fundando uma aula de commercio, creando a companhia dos vinhos do Alto Douro, e uma outra de pesca no Algarve e resolvendo no seu elevado conceito tudo quanto suppunha ser um beneficio do paiz e atropellando tudo quanto se lhe apresentava em contraposição.

O passo mais atrevido e energico do já então Conde de Oeiras foi a expulsão dos jesuitas dos dominios portuguezes. Ensina-nos a historia d'aquelle tempo que a companhia de Jesus tinha-se assenhoriado a tal ponto das consciencias dos povos e dos monarchas, tinha-se enriquecido tanto de bens de fortuna, tinha espalhado por toda a parte uma influencia tão efficaz, que era considerada como um Estado no Estado. A lucta portanto devia ser horrivel, e ninguem seria capaz de a emprender se não fóra o genio do grande estadista. De todas as partes se ouviam queixas contra a companhia, porem eram queixas surdas que ella não deixava respirar, até que com a subida de D. José ao throno as cousas mudaram de figura, porque a discordia entre os jesuitas e o primeiro Ministro accentuou-se logo, e este foi-os já accusando de fomentarem a desunião entre as duas côrtes de Madrid e Lisboa. Em seguida mandou redigir uma memoria para apresentar ao Papa Benedicto 14, dos abusos praticados pelos jesuitas, e d'ahi por diante desencadeou-se uma tal serie de ataques formalmente dirigidos á companhia que esta teve de se defender d'elles e preparar-se para uma lucta tenaz. Intrevendo em tudo isso a corte de Roma que, em grande parte, javorecia os jesuitas, de nada obistou a que o conde d'Oeiras

promulgasse o decreto de 3 de Setembro de 1753, no qual expulsava a companhia do reino, o qual foi logo posto em execução. E de tal arte foi o raio fulminado que, apesar dos supremos esforços para se sustentar, a companhia foi abolida afinal pelo Papa Clemente 14 no celebre breve *Dominus Redemptor* de 23 de julho de 1773—Bastava isto só para ser immortal a memoria do Marquez de Pombal!

JOÃO NEPOMUCENO REBELLO VALENTE.

Il y a l'éternelle illusion que la législation est toute-puissante, et que les choses se feront, parce qu'on y aura pourvu par des lois. C'est concevoir une société comme un objet fabriqué par des hommes d'état, et détourner l'esprit des faits de l'évolution sociale.

H. SPENCER—*La science sociale.*

A historia, infallivel na sua justiça, não deixou o nome do Marquez de Pombal na obscuridade—valla commum, onde sepulta os mediocres; o nome do ministro sobreviveu á sua queda; a obra do estadista, essa, não.

Este caracter transitorio da obra de Pombal é quasi singular na historia dos grandes ministros. A unidade franceza não pereceu com Richelieu; das reformas de Turgot não morreu o pensamento, que a Revolução completou; a supremacia da França na Europa não soffreu com a morte de Mazarin; a preponderancia do pontificado sobreviveu a Gregorio VII, e é facil prevêr que a unidade allemã ha de sobreviver a Bismark como a italiana sobreviveu, completando-se, a Cavour.

Não teve essa fortuna Pombal. O seu ministerio abrange o espaço de 27 annos, que decorrem de 1750 a 1777. Pois bem: é difficil descobrir nas instituições, na administração, na diplomacia, na politica interna, desde 1777 para cá, a continuação, ou sequer a conservação, da reforma pombalina; o systema caiu com o ministro, e não ficou no governo a tradição dos seus processos de renovação.

Com effeito: consideremos o Marquez nos factos culminantes da sua reforma politica. Expulsou a Companhia, proscreeu a influencia da Curia, abateu a aristocracia, cuja educação iniciou, reformou o ensino primario e superior, secularizou a censura. Tanto basta para, dadas as condições do seu tempo, fazel-o superior a todos os estadistas do seculo, que os teve eminentissimos.

Volvidos poucos annos sobre a queda do ministro, quasi nada resta d'essa obra colossal. A supremacia do clero restabeleceu-se; não voltou encoberta no recato, em que a envolvia a Companhia, mas clara, manifesta, exclusiva, nas prodigalidades do Coração de Jezus, na subserviencia ministerial ás exigencias de Roma, no restabelecimento da auctoridade e privilegios da nunciatura, no fanatismo sombrio da corte de D. Maria I. Não voltou a Companhia, que esteve a ponto de voltar; impediu-lhe a volta, talvez, só a pressão diploma-

tica de Florida-Blanca, o émulo de Pombal; mas a sua doutrina, o seu espirito voltaram e dominaram outra vez o governo; as combinações da politica saíam do confissionario e os ministros determinavam-se pelas inspirações de Fr. Ignacio de S. Caetano, um carmelita descalço.

A nobreza desertou o Collegio dos Nobres, instituto que Pombal destinava a illustrar-a, transformando n'uma classe preponderante pela riqueza, pelas luzes e pela sua efficaz cooperação ao governo, como a aristocracia ingleza, a nossa, que era da Europa, talvez, a mais ridicula, que vive na tradição popular pelo grotesco e pela brutalidade dos capitães-móres e nos retratos que Gusmão fielmente esboçou da côrte de D. João V, pela sua ignorancia, pela sua vaidade e pelo beaterio. Essa aristocracia illustrada e activa, que Pombal sonhou, não chegou a formar-se; mas a velha fidalguia prodiga, fanatica, ignorante, cheia de novos titulos e sinecuras rendosas, ressuscitou, com a queda do ministro, em favor da sua inepecia, o monopolio da governação do paiz para conduzi-lo ás ignominias diplomaticas ou militares de 1777, de 1794, de 1801, de 1807 e á mais completa decadencia.

O ensino superior ficou immobilizado no ponto, em que Pombal o deixou, e desde então perdeu a flexibilidade necessaria para adaptar-se ás transformações scientificas dos tempos. O ensino primario, cuja diffusão iniciou o grande ministro, retrogradou; de 900 cadeiras, que elle fundou, nem metade existia em 1820.

A censura reassumiu o seu anterior character intolerante, catholicamente intolerante.

N'uma palavra, aniquilou-se logo a obra politica de Pombal.

E a sua doutrina economica? As suas reformas administrativas?

Elle estabeleceu as grandes Companhias de commercio, fundou a dos Vinhos do Douro, reformou os serviços fiscaes, regulamentou a agricultura partindo do facto da crassa ignorancia do lavrador portuguez, fomentou o desenvolvimento manufactureiro, decretou a protecção industrial indirectamente pela criação de escolas profissionaes e directamente pelas tarifas pautaes, prescreveu a adaptação da producção ás propriedades do agente productor, impondo como especialidades industriaes ao Algarve as pescarias, ao Douro a viticultura, ás lezírias do Tejo, do Sado, do Vouga e ás insuas do Mondego a producção cerealifera; creou obstaculo à amortisação immobiliaria, promoveu a liberdade da terra, reformou o exercito, restaurou a marinha.

Passados poucos annos depois do termo do seu laborioso ministerio—tudo como d'antes. As companhias de commercio cahiram; a do Douro falseou o seu papel economico transformando-se

de agente concentrador e distribuidor em monopolio beneficioso para uma oligarchia commercial absorvente e nelasta; nas finanças voltou o cahos e com elle, antes do fim do seculo, a divida publica; a agricultura voltou á anarchia da ignorancia; abandonou-se a protecção e recabiu-se na alliança economica ingleza, cujo desenlace foi o tratado de 1810 e a morte das industrias n'uma lucta, para a qual não tinham preparação sufficiente; o exercito desorganizou-se e d'ahi vieram os desastres de 1804; a diplomacia perdeu perante a Europa o seu prestigio pelo tratado hespanhol de outubro de 1777.

Tudo desapareceu: cessou o progresso, filho da regulamentação pombalina, sem que a liberdade lucrasse.

Immobilizou-se de novo a industria, a agricultura, o commercio, a educação—tudo, que inerte antes, o Marquez sacudira com braço vigoroso.

A reforma de Pombal não sobrevivera, pois, ao seu auctor. Como a torrente produzida por tempestade violenta, que despenhando-se impetuosa por terreno fragoso, nem por isso deixa sulco, que depois lhe denuncie a passagem na fraga, que não pode rasgar, assim a acção do ministro actuou viva, mas infructuosa, sobre a inercia do paiz, que a supportou, obedecendo automaticamente aos movimentos, que a pressão energica, mas transitoria, do reformador, lhe imprimia, e que cessaram logo que cessou a causa externa e extrahia, que os produzia.

De sorte que a obra de Pombal não foi um producto da historia, foi uma criação do seu genio; não é um facto sociologico, é um dado apenas biographico; não foi social nas suas causas, não se continuou socialmente nos seus effectos.

Ella foi possivel no regimen absoluto; seria um impossivel no regimen representativo, que reflecte na acção do governo apenas o pensamento colectivo. No absolutismo são possiveis os imprevisos; o syst ma representativo, que reflecte a evolução, tem o vicio ou a virtude d'este—não dá surpresas. No absolutismo a obra d'um grande ministro póde significar apenas o genio e a energia pessoal. No regimen representativo o futuro lança raizes ao passado, porque a evolução é a base das reformas que elle opera. Por isto viveu a obra de Pombal a vida do ministro: elle não tinha a garantir-lhe a duração dos resultados um principio social que a tivesse provocado.

Vae n'este juizo perdida alguma parcella, por minima, da gloria de Pombal? Creio que não.

Avulta-lhe até as proporções ser assim, baixissimo, como realmente era, o plano da sociedade do seu tempo; engrandece-lhe o vulto vel-o inspirar-se, não no meio social asphixiante de fanatismo e ignorancia; mas nas intuições proprias, e sentir-mos que o genio se lhe illuminou na vivissima luz

que a flux derramava pelo resto da Europa a philosophia do seculo XVIII.

D'esta philosophia partilhou Pombal um erro —desconhecer que na ordem sociologica como na biologica é a evolução a lei suprema e infallivel.

ROBERTO ALVES.

BOLETIM MILITAR

1814

*Vae rir-se desdenhosa a sombra de POMBAL! (1)
Era doida a rainha. O principe regente,
Ostentando gentil a bochecha eloquente,
Tinha bom appetite, e ventre clerical.*

(1) *Mal por mal antes Pombal dizia o povo fitando as desgraças da patria. Em vez do Conde de Lipe, de Mecklemburgo, e de tantos illustres officiaes estrangeiros, alistava-se a milicia sagrada. Os quarenta e oito milhões de cruzados do Thesouro, e trinta milhões do cofre das decimas, accumulados pelo zelo do insigne estadista, derretam-se com o medo da cõrte pusillanime, e a colmeia dos parasitas sugava a forte seiva do paiz.*

Para tudo isto, viva Deus! se tinha processado em 1781 o Marquez de Pombal, sujeitando-o a longos interrogatorios, sem que elle verberasse como Epaminondas os seus ridiculos juizes.

«Santo Antonio, que por ordem de D. Pedro II sentára praça em 1638 no regimento de infantaria de Lagos, subiu ao posto de major ajudante depois de varias façanhas e proezas, que no commando das tropas praticára contra os castelhanos—segundo o attestava o coronel.—» Oliveira Martins, II historia de Portugal T. 2 pag. 179.

Mais tarde deu-se-lhe um posto de accesso. Eis a copia do incrível documento :

«D. João por Graça de Deus, principe regente de Portugal e dos Algarves de aquem e de alem-mar em Africa. Senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethyopia, Arabia, Persia, e da India, etc.

«Faço saber aos que esta minha carta patente virem, que, sendo da minha particular devoção o glorioso Santo Antonio, a quem o povo desta corte incessantemente, e com a maior fé dedica os seus votos, e tendo o ceu abençoado os esforços dos meus exercitos com a paz que se dignou conceder á monarchia portugueza, crendo eu piamente que a efficaç intercessão do mesmo santo tem concorrido para tão felizes resultados: Hei por bem se eleve ao posto de tenente-coronel de infantaria e com elle haverá o respectivo soldo, que lhe será pago na fórma das minhas reaes ordens, pelo que o Marechal de campo Ricardo Xavier Cabral da Cunha, que na qualidade de ajudante general e interinamente do commando das armas desta corte e capitania, assim a cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer, para lhe ser pago em seus devidos tempos. Em firmeza do que lhe mandei passar carta por mim assignada e sellada com o sello grandé de minhas armas.

«Dada nesta cidade do Rio de Janeiro aos 31 dias do mez de Agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1814.—O PRINCIPE COM GUARDA. Gaspar José de Mattos Ferreira e Lucena.—José Caetano de Lima.—Por Decreto de S. A. Real de 26 de Junho de 1815 e aviso de 22 de Agosto do mesmo anno. Pedro Vieira da Silva Telles a fez escrever. Antonio José Pinto a fez.—Registrada a fl 46 no L.º 6 de pat entes.»

D. Maria I, declarando o Marquez de Pombal criminoso e digno de exemplar castigo, mandou arrancar do pedestal da estatua de D. José, no Terreiro do Paço, o retrato do grande Sebastião José de Carvalho, apesar do anexam dizer bem alto que *o rei estava ao torno, e o marquez no throno.* Por decreto de 10 de Outubro de 1833 D. Pedro IV mandou restituir as cousas ao seu antigo estado, ainda que a verdadeira obrigação de D. José era, pelo menos, levar na garupa do cavallo de bronze o seu primeiro ministro. Semelhantemente deve apear-se do monumento d'Alhandra nas linhas de Torres Vedras—é este o meu voto—a estatua de Wellington, e collocar-se sobre a montanha o Santo Antonio com o indispensavel menino Jesus.

*Mas logo que Junot açaima Portugal,
Embarca a toda a pressa, e deixa a nossa gente!
Panda vela o conduz ao Brazil florescente,
E rapido imagina um plano theatral.*

*Veloz, como no monte a timida gazella,
E' certo resguardava a insipida pessoa,
Adiposa e feliz para cingir a c'roa.*

*Mas em prol d'este reino ah! tanto se descvela
Que nomeia coronel do exercito, á cautela,
O Santo Thaumaturgo, Antonio de Lisboa!!*

J. MELLO FREITAS.

Assim como os christãos celebram todos os annos o nascimento do Baptista, precursor do Christo, assim os liberaes deveriam celebrar annualmente o dia natalicio do Marquez de Pombal, por ser inquestionavelmente o precursor do liberalismo.

Não nos propomos enumerar aqui todos os actos da administração do illustre estadista, nem isso era proprio d'esta publicação, que deve servir tão sómente de commemoração ao grande vulto do seculo passado pelos naturaes d'este districto.

As sabias reformas em todos os ramos da publica administração que aquelle genio empreendedor levou a cabo em prol das ideias liberaes, não podem jámais ser esquecidas nem riscadas da historia: esta ahí está para attestar bem alto aos seculos vindouros todo o bem que as gerações successoras lhe devem, e para comprovar o quanto a historia imparcial e séria affirma a seu respeito; ahí está essa immensa série de diplomas legislativos, que o illustrado ministro referendou.

Entre os actos de maior alcance politico e de consequencias mais civilisadoras contam-se a reforma e secularisação do ensino, a expulsão dos Jezuitas e a abolição da escravatura e dos autos de fé.

De modo que cabe-nos a gloria de dizer que a abolição da escravatura, que ha dez annos foi decretada no Brazil, e a expulsão dos Jezuitas, que ainda ha pouco a França republicana empreendeu, foram factos consummados no nosso paiz ha mais d'um seculo.

Sabe-se que os meios, de que uzou, nem sempre foram brandos e suaves, o que deu logar a que o seu character e obras tenham sido atacados virulentamente por certos publicistas, apodando-o de violento e muitas vezes despotico até á crueldade.

E' certo porém que os resultados relevam por muito as exagerações dos meios, ainda quando se admitta que aquelles poderiam obter-se de prompto sem estas.

A lucta gigantea que teve de travar frente a frente com os próceres do reino e os potentados da egreja, cujo predomínio tinha chegado ao apogeu, não lhe permittia para o conseguimento da victoria a menor hesitação, a mais pequena tibieza.

Assim luctou e venceu.

E venceu não só dentro do paiz, como fóra d'elle, fazendo subir a nação á altura dos outros povos e tornando-a respeitada contra a suzerania da Curia Romana, a preponderancia da Inglaterra e a ambição da Hespanha.

Foi um heroe, um benemerito da patria, um acerrimo derruidor do absolutismo.

E se a morte de D. José fez com que não pudesse ver executados todos os seus planos grandiosos, a proclamação da constituição, que preparou pelos seus actos, apenas se fez esperar 40 annos.

Este apostolo do bem terminou seus dias demittido, calumniado, perseguido, processado e condemnado ao ostracismo politico.

Tal foi o galardão que a reacção lhe fez dar aos seus inestimaveis serviços á patria e ao rei, ao povo e á liberdade.

ANTONIO AUGUSTO D'ARAÚJO E MELLO.

DEVER DE GRATIDÃO

Aveiro paga hoje duas grandes dividas: uma, commemorando dignamente e com uma brilhante exposição districtal o centenario do eminente estadista Marquez de Pombal, que tanto fez por elevar esta cidade, concedendo-lhe altos favores; a outra, lançando a primeira pedra no monumento á memoria do seu presado filho e notavel orador, — José Estevão Coelho de Magalhães, — que modernamente tanto lidou por dotar a com todos os melhoramentos da hodierna civilisação.

Nada ha mais sublime do que a gratidão d'um povo para com os benemeritos da patria, porque ao mesmo passo que lhes serve a elles de apotheose, nos serve a nós de estimulo.

Esta cidade, onde as ideias grandiosas sempre tiveram bom acólho, presta hoje distincta homenagem áquelles notaveis vultos da antiga e moderna geração, mostrando assim o seu entranhado amor pelas glorias nacionaes.

E o GREMIO MODERNO, — essa associação tão util, como civilisadora, — tomando a iniciativa da exposição da arte ornamental e das industrias districtaes, provou que quer deixar de si honrosa memoria, concorrendo praticamente para o engrandecimento d'esta cidade e seu districto, pelo que cabem subidos louvores á sua illustrada direcção.

FRANCISCO DE MAGALHÃES.

O homem que, funcionario de uma nação pequena e enfraquecida, desajudado e só, combateu e debellou a associação poderosissima, a potencia universal dos Jesuitas, foi um estadista da

mais elevada estatura, e o seu nome, máu grado os detractores, está assellado na historia com a nota indelevel da energia que não affrouxa, da força de vontade que não se abate.

Esta só empreza, se tantos outros actos de larga nomeada o não exalçassem, institue a definitiva consagração da sua memoria, firma as homenagens insuspeitas da posteridade.

Saúdo os meus conterraneos pela parte que tomam na solemne vindicação da honrada fama de Sebastião José de Carvalho e Mello — justiça extreme de invejas solapadas, e sem o requieme de paixões, extinctas hoje.

Rio de Janeiro.

JOAQUIM DA SILVA MELLO GÚIMARÃES.

Um aperto de mão aos socios do Gremio Moderno pela ousadia feliz da sua empreza gloriosissima.

A Aveiro uma saudação ardente e jubilosa em que se une ao enthusiasmo irreprimivel a expressão da saudade — desejo da terra em que recebi nos olhos a luz do dia.

Rio de Janeiro.

MANUEL DE MELLO.

SÓMENTE

Na actual situação da nacionalidade portugueza, rememorar o vigor e energia que tanto distinguiram o primeiro ministro de D. José pode ser util aos interesses da patria dilacerada pelas intrigas e ambições dos magnates do poder. Foi necessario o braço potente de Pombal para imprimir algum alento a Portugal abatido e exausto sob a administração perdularia de D. João V. Seria necessario um homem superior a Pombal para sustar a ruina progressiva d'esta pequena nação.

Se o centenario que hoje se celebra tem por scopo despertar os nossos brios dormentes, e a lealdade degenerada do nosso character aventureiro e cavalheiresco, é digna e nobre a festa. Celebre-se com enthusiasmo. E' um dever de portuguezes, e como portuguez associo-me a ella. Se, porém, não ha intento n'esta commemoração civica de discriminar, em Pombal, a phisionomia odiosa de despota, de tyranno, de Cerbero dos carceres da Junqueira, da phisionomia de estadista consumado, vigoroso e activo, — então, eu quizera não ter unido o mais debil som da minha voz desconhecida e ignorada, ao grande coro que a nação entoia n'esta hora, não tão accorde que se lhe não distingam algumas dissonancias.

Eis o que sinto e escrevo. Nada mais e nada menos.

ROBERTO VIEIRA.

A OBRA E A INDOLE DO ESTADISTA

Antes de D. José I, a nobreza e o clero, quasi por egual com o monarcha, dominavam a sociedade portugueza. Eram como tres poderes, que se equilibravam.

A aristocracia absorvera todo o estado, o clero todo o ensino; as ideias sahiam dos conventos; e o santo-officio apenas deixava correr as que tinham o carimbo de Roma.

Livrar o soberano d'aquelles seus concorrentes pareceu ao Marquez de Pombal o grande alvo da politica.

Para elle a Magestade era a fonte divina do direito, das leis, e da justiça: essa doutrina, n'uma linguagem cathorica, enche os preambulos dos seus decretos; a representação nacional considerava-a um erro, uma blasphemia, e n'isto ia d'encontro ás tradições do nosso paiz, ainda advogadas no seu tempo em uma memoria do doutor Velasco, nome que não deviamos ter esquecido.

Se abateu as classes poderosas e abusivas, não foi para garantir os direitos da nação, foi só para emancipar d'ellas o rei, para engrandecel-o, para eleva-lo acima de tudo e de todos, e o conseguiu por meios violentos e crueis, que não podemos dizer—necessarios.

Secularizando o ensino, estabelecendo o professorado regio, não foi com o intento de libertar o pensamento, pois creou a censura do estado— as suas portarias trovejavam contra os livres-pensadores, contra os livros da encyclopedia, essa illuminação do espirito moderno, os quaes mandava apprehender e queimar, e não tinham licença de passar as fronteiras.

A tudo isto o persuadiam os exemplos da Europa.

Seguindo a maxima do despotismo esclarecido—tudo pelo governo, tudo para o povo, e nada pelo povo—alguns soberanos haviam começado um periodo de reformas, em que se distinguiram José II na Austria, e Carlos III em Hespanha, com os seus ministros o principe de Kaunitz, e o conde de Florida-Blanca.

Pombal imitou-os—quiz ser um Richelieu e um Colbert: o nosso paiz, enervado moral e materialmente, sollicitava a vigorosa iniciativa do Marquez, a sua vontade potente, a sua ambição, e a sua intelligencia.

Elle revolveu e animou tudo, a industria, o commercio, a agricultura, mas segundo os seus principios, não pelo jogo livre e natural das forças economicas, mas pela economia artificial dos decretos, dos monopolios, das companhias privilegiadas, sem duvida impulsiva, fomentadora, mas condemnada a resultados ephemeros, a ver annullar-se as suas creações brilhantes, mas infecundas.

Pombal viveu n'uma epoca em que a imprensa não era ainda um poder, em que não existia

partido algum organizado em opposição á ordem antiga, em que a representação nacional estava já obsoleta, em que não havia nem uma corrente d'ideias, assaz forte, em que pudesse apoiar-se—só podia firmar-se na instituição monarchica, e fortalecendo-a, desaffrontando a acção real, tentou e levou a cabo as suas reformas politicas, o que por outro modo lhe fóra impossivel.

Desaffrontando o rei, egualmente desaffrontou o paiz. do caminho do progresso removeu os maiores obstaculos.

O que fez, era preciso que se fizesse. Se não fosse elle, um outro mais tarde o faria; mas este teria direito aos nossos louvores, ao nosso reconhecimento.

E' justo que se festeje a sua memoria.

LOURENÇO D'ALMEIDA E MEDEIROS.

O PULSO DO MARQUEZ

Reinava a orgia a bordo!
 Nas salas do commando i o f-stim luxuoso,
 em quanto soluçava o vento rumoroso,
 nos trémulos ôvens da nau amortecida!
 Ia a maruja, então, gastando força e vida,
 no devasso festim, na torpe bacchanal.
 Quebravam-se uma á uma as taças de christal
 'num tripudio febril. A gente do convez
 deixava-se dormir no somno da embriaguez.
 E o leme sem governo! A nau desguarneckida!
 O vendaval erguendo a vaga enraivecida,
 despenhando-a depois d'um turbilhão medonho.
 E continia a festa! e dura ainda o sonho!
 As ondas do prazer mundano-lhes o seio,
 em quanto o mar lhes abre a nau de meio a meio...
 Surgiu então um pulso, um forte pulso d'aço,
 que poude sueter 'inda o ultimo pedaço,
 unindo a força á força, batendo peito a peito,
 n'uma lucta de morte, o mar do preconceito,
 restab'lecendo a paz no seio da anarchia.
 Varreu com dura mão os restos d'essa orgia,
 expulsou do commando os ebrios e os devassos,
 e tomou, elle só, o leme nos seus braços.

Salvou a nau do Estado e o nome portuguez
 d'um abysmo fatal, o pulso do Marquez!

FERNANDO DE VILHENA

Erguendo no altar da patria um benemerito d'ella, o culto nacional não quer irritar paixões nem soprar odios, mas cumprir um dever.

Não é um partido que celebra o centenario de Pombal: se o fóra, esses mesmos que contra elle se levantam em rancorosas imprecções, deveriam ser os primeiros a carregar aos hombros o seu andor; se o fóra, não seriamos nós, filhos e apóstolos da liberdade, que iriamos dobrar o joelho e baloiçar o thuribulo aos pés do symbolo mais completo do despotismo real.

Que homem foi então esse, tão despota que os fanaticos da democracia o saudam, e os ministros da tyrannia o detestam?

Toda a religião tem mysterios. Este é o mysterio augusto da glorificação de Pombal.

BARBOSA DE MAGALHÃES.

MARQUEZ DE POMBALE



ALBERTO

AO

MARQUEZ DE POMBAL

HOMENAGEM DO GREGO MODERNO

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Francisco Augusto da Fonseca Regalla
Carlos de Faria e Mello; José Maria Barbosa de Magalhães:

COLLABORADORES

D. Branca de Carvalho; A. D. Pinheiro e Silva; A. F. d'Araujo e Silva; Agostinho Melicio;
Albano Coutinho; Alexandre da Conceição; Antonio Augusto d'Araujo e Mello;
Bento F. S. Guimarães; Fernando de Vilhena;
F. Homem Christo; Francisco de Magalhães; J. A. Marques Gomes; Jayme de Magalhães Lima;
J. C. de Miranda; J. E. d'Almeida Vilhena;
João Nepomuceno Rebelo Valente; Joaquim da Costa Cascaes; Joaquim de Mello e Freitas;
J. S. Franco; Manuel de Mello e Freitas;
Roberto Alves; Roberto Vieira; Vicente de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça.



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

AVEIRO

IMPRESA AVEIRENSE

LARGO DA VERA-CRUZ

1882